



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

ELAINE CRISTINA DOS REIS ROSENACKER

DISCURSO: O CORPO NÃO SÓ “FALA”, MAS TAMBÉM, “SORRI”

Campo Grande, MS
2025

ELAINE CRISTINA DOS REIS ROSENACKER

DISCURSO: O CORPO NÃO SÓ “FALA”, MAS TAMBÉM, “SORRI”

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Língua, Discurso e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Campo Grande/MS
2025

R722d Rosenacker, Elaine Cristina dos Reis

Discurso: O corpo não só “Fala”, mas também, “Sorri”/ Elaine Cristina dos Reis Rosenacker. – Campo Grande, MS: UEMS, 2025.

95 f ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

1. Literatura – pesquisa 2. Crítica 3. Análise de discurso I. Título II. Rodrigues, Marlon Leal

CDD 23. ed. - 801.95

Elaborada pela Bibliotecária Elaine Freire Lessa – CRB-1 / 3721
Biblioteca Central da UEMS

ELAINE CRISTINA DOS REIS ROSENACKER

DISCURSO: O CORPO NÃO SÓ “FALA”, MAS TAMBÉM, “SORRI”

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana
Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF

Prof^a. Dr^a. Vanessa Arlésia de Souza Ferretti
(Suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof^a Dr^a: Sueli Ramos (Suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Campo Grande/MS, 03 de fevereiro de 2025.

A Deus, porque sem Ele nada disso seria possível; aos anjos que cruzaram o meu caminho no decorrer do curso e que muito contribuíram. Ao meu pai, José Roberto dos Reis, que embora não esteja mais aqui entre nós, sempre torceu por mim.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, meu sustentáculo. Gratidão também à minha família: à minha mãe, Aparecida Ramos dos Reis, ao meu marido, Arnold S. Rosenacker, às minhas filhas, Letícia dos Reis Rosenacker e Natália dos Reis Rosenacker e ao meu irmão, Ricardo B. dos Reis, pelo apoio incondicional. Agradeço ainda à minha amiga Elaine Cristina Gomes de Castro Batista, que me convenceu a encarar o desafio e aos também meus amigos, Fernanda Gabriela Ferracini Silveira Duarte e Tiago Nunes Borges, minhas inspirações. Não posso deixar de mencionar Diana Garcia de Oliveira Contar, Raquel de Souza Espindola e Carla Adriana Duarte Sartori, pessoas especiais que estão diariamente comigo.

Muito grata ao professor Marlon Leal Rodrigues por ter aceitado ser o meu orientador, pela paciência dedicada a mim, pela viabilização de *feedbacks* e pelo partilhamento de seu conhecimento, de importância ímpar.

Agradeço igualmente aos professores que tive a oportunidade de conhecer e que muito me auxiliaram com a disposição e explicação de conteúdos indispensáveis para esse processo ensino-aprendizagem. Especial gratidão à professora Dra. Rita de Cássia A Pacheco Limberti, uma profissional fantástica, comprometida e muito parceira, e à professora Dra. Vanessa Arlésia de Souza Ferretti, que contribuiu significativamente para a minha escrita por meio de seus apontamentos na banca de qualificação. Obrigada também aos colegas que fiz ao longo dos estudos, a cada um indistintamente.

O meu muito obrigada aos professores Drs. Antonio Carlos Santana de Souza e Wedencley Alves Santana, que estiveram em minha defesa de mestrado, um momento tão especial para mim.

Agracedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande e ao Programa de Pós-Graduação em Letras, pela acolhida.

“[...] A habilidade de encontrar o riso em qualquer situação é uma habilidade fundamental na arte de viver [...]”. (Viktor Frankl, 2012 *apud* Funes, 2001, p. 224).

ROSENACKER, E. C. dos R. *Discurso: O Corpo não só “Fala”, mas também, “Sorri”*. 2025. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2025.

RESUMO

A dissertação apresentada consiste na análise de discursos emitidos através do sorriso, interpretado diante de suas “condições de produção” (Pêcheux, 2014). Sob a vertente teórica da análise de discurso de Pêcheux e Orlandi, as expressões faciais selecionadas foram examinadas e lidas, culminando num resultado particular e ao mesmo tempo coletivo, visto o discurso proveniente da investigação também partir de outros discursos que o atravessam, de memórias discursivas que afloram, de um método investigativo específico e de um analista que ocupa uma posição diante do objeto de análise. A importância do trabalho apresentado se dá pelo fato do sorriso ser uma forma de comunicação não verbal, a comunicação social mais usada, segundo Ray Birdwhistell (Nascimento, 2019). Seu estudo remonta à antiguidade, visto a sua capacidade de se traduzir em uma série de sentidos comumente relacionados a emoções positivas, podendo também expressar sentimentos negativos, dissimulações, deboches, desconfortos, variando a depender de contextos culturais, históricos e sociais. Através deste trabalho várias faces do sorriso são reveladas, inclusive o oculto, o não dito que significa. Charles Darwin (2009), defensor da ideia de que as expressões faciais são inatas e universais, realizou os primeiros estudos científicos sobre o sorriso. O entendimento do naturalista é compartilhado por teóricos como Paul Ekman (2011) e Carroll Izard (1971), que afirmam que o sorriso, particularmente em bebês, é confiável e autêntico, portanto, não está sujeito a fingimentos. Utilizando imagens públicas, recortes de cenas de filmes, o estudo analisa as variações da expressão do sorriso e seus discursos em diferentes situações. A análise parte da observação do sorriso de bebê, espontâneo e puro, e se estende aos sorrisos adultos, estes por vezes manipuladores e mascarados. A fim de situar circunstancial, local e temporalmente as obras das quais os recortes foram retirados, fora apontada uma prévia acerca de suas condições de produção e conteúdos abordados. Considerando-se o uso dos músculos zigomático maior e do, orbicular dos olhos, específicos na expressão facial do sorriso, este pode ser classificado segundo Guillaume-Benjamin-Amand Duchenne (*apud* Barros, 2022, p. 33), como genuíno ou falso. O primeiro compreende a contração dos músculos ao redor dos olhos e da boca, enquanto o segundo normalmente envolve apenas a boca, sendo mais assimétrico e de menor duração. No decorrer do trabalho, são apuradas as implicações culturais e sociais do sorriso. Seu significado difere de uma cultura para outra, podendo tanto ser interpretado como sinal de superioridade intelectual, como associado à ingenuidade ou ausência de seriedade. Sua presença é mais comum em conjunturas de interação social e ele pode ser taticamente utilizado para amenizar conflitos, maquiagem sentimentos ou influenciar o outro. A pesquisa conclui que, ainda que o sorriso seja uma expressão corporal universal, seus significados estão atrelados aos discursos produzidos, mudando de acordo com suas condições de produção e contextos sociais e históricos em que acontece. À vista disso, a análise do sorriso transcende sua relevância biológica e natural, agregando ainda a multifacetada rede de significados que ele pode provocar.

Palavras-chave: Sorriso; Discurso; Sentido; Expressão Facial; Condições de Produção.

ROSENACKER, E. C. dos R. *Discourse: The Body not only “Speaks”, but also “Smiles”*. 2025. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2025.

ABSTRACT

The presented dissertation consists of an analysis of discourses conveyed through the smile, interpreted in light of its “conditions of production” (Pêcheux, 2014). Following the theoretical perspective of discourse analysis by Pêcheux and Orlandi, selected facial expressions were examined and interpreted, culminating in a result that is both particular and collective. This is because the discourse emerging from the investigation is also influenced by other discourses that traverse it, by discursive memories that resurface, by a specific investigative method, and by an analyst who occupies a position in relation to the object of analysis. The significance of this study lies in the fact that the smile is a form of nonverbal communication - the most commonly used social communication, according to Ray Birdwhistell (Nascimento, 2019). The study of the smile dates back to antiquity, as it has the ability to convey a wide range of meanings, often associated with positive emotions but also capable of expressing negative feelings, dissimulation, mockery, or discomfort, depending on cultural, historical, and social contexts. Through this research, various aspects of the smile are unveiled, including the hidden, the unspoken that still carries meaning. Charles Darwin (2009), a proponent of the idea that facial expressions are innate and universal, conducted the first scientific studies on the smile. His understanding is shared by theorists such as Paul Ekman (2011) and Carroll Izard (1971), who argue that the smile, particularly in infants, is reliable and authentic and, therefore, not subject to deception. Using public images and excerpts from film scenes, the study analyzes variations of the smile and its discourses in different situations. The analysis begins with the observation of an infant’s smile - spontaneous and pure - and extends to adult smiles, which are sometimes manipulative and masked. To contextualize the works from which the excerpts were taken in terms of circumstances, location, and time, an overview of their conditions of production and themes was provided. Considering the use of the zygomaticus major and orbicularis oculi muscles, which are specific to the facial expression of smiling, the smile can be classified, according to Guillaume-Benjamin-Amand Duchenne (*apud* Barros, 2022, p. 33), as either genuine or false. The former involves the contraction of muscles around both the eyes and mouth, while the latter typically engages only the mouth, making it more asymmetrical and of shorter duration. Throughout the study, the cultural and social implications of the smile are explored. Its meaning varies across cultures: it can be interpreted as a sign of intellectual superiority or, conversely, associated with naivety or a lack of seriousness. The smile is more commonly present in social interactions and can be strategically used to defuse conflicts, mask emotions, or influence others. The research concludes that, although the smile is a universal bodily expression, its meanings are tied to the discourses produced, shifting according to the conditions of production and the social and historical contexts in which it occurs. In this sense, the analysis of the smile goes beyond its biological and natural relevance, encompassing the multifaceted network of meanings it can generate.

Keywords: Smile; Discourse; Meaning; Facial Expression; Conditions of Production.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mona Lisa	69
Figura 2: Expressão do sorriso Duchenne.....	72
Figura 3: Músculos contraídos durante a exibição facial da emoção básica alegria	72
Figura 4: Formula para descrever expressões faciais	77
Figura 5: Recorte de Cenas do filme Ninguém segura esse bebê	79
Figura 6: Recorte de Cenas do filme Ninguém segura esse bebê	79
Figura 7: Recorte de Cenas do filme A vida é bela	81
Figura 8: Recorte de Cenas do filme A vida é bela	81
Figura 9: Recorte de Cenas do filme Extraordinário	83
Figura 10: Recorte de Cenas do filme Extraordinário	83
Figura 11: Recorte de Cenas do filme Extraordinário	84
Figura 12: Recorte de Cenas do filme Uma linda mulher	86
Figura 13: Recorte de Cenas do filme Uma linda mulher	87
Figura 14: Recorte de Cenas do filme A lagoa azul	88
Figura 15: Recorte de Cenas do filme A lagoa azul	88

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Objeto	15
1.2 Objetivo Geral	15
1.3 Objetivos Específicos	15
1.4 <i>Corpus</i>	16
1.5 Problematização	16
1.6 Metodologia	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA - ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA	19
2.1 Discurso	20
2.2 Ideologia	21
2.3 Leituras/ Sentidos	22
2.4 Paráfrase e Polissemia	22
2.5 Formação Discursiva	23
2.6 Condições de Produção	24
2.7 Efeito de Sentido	25
2.8 Processo de Interpelação do Sujeito	26
3 RISO, UMA INCÓGNITA	28
3.1 Pensamentos sobre o Riso na Antiguidade	28
3.2 O Riso Ao Longo Da Idade Média (476-1453)	31
3.3 Riso Nos Séculos XVII e XVIII	32
3.4 Pensamentos de Estudiosos mais Atuais Sobre o Riso	40
3.5 A Mecânica do Riso, como ele acontece	45
3.6 Benefícios do Riso	50
3.7 Várias Versões do Riso	55
3.8 Afinal, Por Que Rimos?	59
3.9 Crenças Que Limitam e/ou Bloqueiam o Riso	64
3.10 Diferenciação do Riso - Etapas da Vida, Sexo... ..	65
3.11 Mona Lisa, A Arte num Sorriso	69
3.12 Dr. Duchenne e o Sorriso Verdadeiro	70
3.13 O Riso em Darwin	74

3.14 O Atlas da Face em Paul Ekman e Walley Friesen	75
4 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO X DISCURSO DO RISO	78
4.1 Análise de Sorrisos	78
4.1.1 Filme Ninguém segura esse bebê	78
4.1.2 Filme A Vida é Bela	80
4.1.3 Filme Extraordinário	82
4.1.4 Filme Uma Linda Mulher	85
4.1.5 Filme A Lagoa Azul	87
CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIAS	93

1 INTRODUÇÃO

A linguagem corporal é uma das formas iniciais de comunicação humana e permanece sendo uma das mais intensas e significativas. Ela é a exteriorização de sentimentos intrínsecos, que se manifestam através do não verbal por meio de gestos, posturas, expressões faciais e movimentos corporais internos e externos. Os sentimentos e pensamentos interiores dão sentido à expressão. Seus primeiros estudos científicos foram realizados por Charles Darwin e divulgados no livro “A expressão das emoções no homem e nos animais” (2009).

É inerente ao ser humano a atitude de discernir e de fazê-lo apoiando-se também nas manifestações corporais, não apenas em palavras, se assim não o fosse, de que maneira poderiam diferenciar atitudes favoráveis, desfavoráveis ou neutras em épocas primitivas, antes da invenção das gramáticas e dos dicionários? De que maneira, senão pela percepção da linguagem corporal? Discernir é primordial para à própria sobrevivência (Weil, P.; Tompakow, R., 2015, s.p).

O rosto é o que há de mais notável nos seres humanos e é o que visualmente nos diferencia uns dos outros. O rosto está ali, exposto para quem quiser ver. Nele estão estampados os vários sentimentos que porventura temos, retratos de inúmeras expressões faciais realizadas por movimentos musculares. Ele é um poderoso artifício de comunicação não verbal, que por vezes pode contrariar o que se está tentando transmitir através da oralidade, pode ser assim, revelador.

Segundo Ray Birdwhistell (1918-1994), antropólogo especializado no estudo das expressões e gestos, cerca de 65% da nossa comunicação social é feita de maneira não verbal e menos de 35% transmitida por palavras (Nascimento, 2019). Neste sentido, selecionamos o sorriso e os seus vários discursos como objeto de análise e estudo da dissertação em pauta. Esta apresenta imagens públicas (recortes de filmes), que evidenciam as várias faces do sorriso associadas as suas condições de produção.

Uma das primeiras indagações a serem respondidas no estudo do sorriso é a sua origem, se inato e universal ou socialmente aprendido. O trabalho sobre esta expressão partirá da observação de rostos de bebês e estender-se-á.

O sorriso, não só em bebês, mas também em adultos, é uma forma de expressão facial amplamente associada, na literatura científica, à manifestação de afeto positivo e de emoções como prazer e alegria

(Ekman, 1993; Frank; Ekman; Friesen, 1993; Fridlund, 1991; Messinger, 2002; Oster; Hegley; Nagel, 1992). Muito embora em adultos sejam encontradas exhibições que fogem a essa regra e que são vistas como dissimulações de outros estados emocionais (Ekman, 1997), em bebês o sorriso é tido como expressão direta dessas emoções (Messinger et al., 1999). De acordo com autores como Izard (1990), já que os bebês não são capazes de fingir ou mascarar seus sentimentos, as expressões faciais que exibem são indicadores confiáveis de seu estado emocional (Mendes; Seidl-de-Moura, 2009).

Darwin (2009) considera o sorriso, inato, porque se não o fosse, para pessoas cegas de nascença seria impossível aprender este tipo de expressão por imitação; e universal, pela sua presença em diversas partes do mundo. Paul Ekman e Carroll Ellis Izard, ambos psicólogos, também partilham da concepção das expressões faciais como universais e inatistas, além de Silvan Tomkins, dentre outros (Izard, 1971 *apud* Ekman, 2011, p. 20-21).

Ainda que considerado universal e inatista pelos estudiosos citados, dando a impressão à primeira vista; de comunicação natural, independente de contextos ou aprendizagens culturais, essa visão quando associada à análise de discurso de Pêcheux (2014; 2015) e Orlandi (2001; 2009) faz pensar que mesmo sendo biologicamente determinado, o sorriso adquire significados construídos e moldados pelas condições de produção discursiva, ou seja, embora haja um caráter inato em sua manifestação, o sentido que o sorriso carrega não é previamente dado, mas é construído no jogo discursivo entre o gesto e o contexto de interação.

Já Margaret Mead, Gregory Bateson, Edward Hall e Ray Birdwhistell comungam da ideia de que as expressões e os gestos são socialmente aprendidos e culturalmente variáveis (Ekman, 2011, p. 21), o que reforça a concepção de que o sorriso está inscrito em formações discursivas variadas, dependendo da cultura, do momento histórico e das relações sociais que circunscrevem sua produção e interpretação.

O discurso do sorriso pode ter inúmeros significados e sentidos. Pode ser sinal de felicidade, deboche, insolência, paquera, desconfiança e até de insanidade. Ainda que tenha uma aceção positiva para a maior parte do mundo, ele pode se valer de conexões negativas e os seus sentidos podem variar.

Para os alemães, suíços, chineses, malaios e austríacos, por exemplo, o sorriso é um sinal de inteligência superior, diferente da visão dos japoneses, iranianos, russos, franceses e sul coreanos, que consideram as pessoas que sorriem como

menos inteligentes (Kuba, 2016).

O ato de sorrir e sua significação variam no tempo e no espaço e ele pode ou não ser bem visto, dependendo do contexto, da situação. Na antiga Inglaterra por exemplo, o sorriso não era algo positivo por estar aliado a falta de seriedade e porque na época, a precariedade da higiene bucal era grande, mesmo na aristocracia (Colin, 2018).

Sorrisos são frequentemente usados como instrumentos intencionais de comunicação, para organizar uma conversa, omitir a expressão de outras emoções, diminuir embate ou tensão, manipular ou ludibriar, acalmar pessoas, para expressar boas maneiras e incertezas, bem como para mascarar emoções negativas. Há ambientes e circunstâncias em que o sorriso não é bem-vindo e/ou permitido, como em velório; em que deve ser controlado; em que não é aceito, como ao fazer a foto para identidade, isso em se tratando de Brasil. Há sorrisos convenientes; há quem viva do despertar do sorriso do outro (humoristas, palhaços, dentre outros); há também aquele que dispõe voluntariamente do seu tempo, (em hospitais, por exemplo) para estimular sorrisos, irradiando alegria.

São muitos os discursos que representam os diversos tipos de expressões faciais no sorriso. Quando nos deparamos com este gesto, normalmente procuramos enxergar através dele, assim como, quando sorrimos, procuramos fazê-lo de acordo com o que intencionamos transmitir, principalmente se há algo a não deixar transparecer. Assim, o que podemos ver através de um sorriso? Eis a questão.

1.1 OBJETO

Os discursos que representam os diversos tipos de expressões faciais no sorriso.

1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar os sentidos de expressões faciais de sorrisos infantis e adultos.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Analisar a origem do sorriso, discursos defendidos por autores pertinentes;

Analisar os tipos de sorrisos, com base nos discursos visualmente expressos pelo próprio sorriso;

Analisar discursos do sorriso, suas possíveis variantes e sentidos.

1.4 CORPUS

Para o embasamento e realização deste trabalho, foram utilizadas imagens faciais de sorrisos retiradas da internet (recortes de filmes), imagens estas, de domínio público e conteúdos disponíveis em sites e livros pesquisados, referentes ao assunto em questão. Os objetos para análise foram selecionados, partindo da concepção de que a arte imita a vida. A proposta em pauta não teve fins lucrativos.

1.5 PROBLEMATIZAÇÃO

O advento do sorriso é uma das primeiras e mais incitantes indagações sobre o assunto. Seria o sorriso inato, proveniente da hereditariedade? Seria consequência da aprendizagem? Seria resultado da junção das duas possibilidades? O meio sociocultural teria influência direta e crucial em suas manifestações? O sorriso passa por mudanças durante a vida dos cidadãos ou não?

Por mais que os estudos referentes à área do comportamento não verbal tenham avançado, especialmente os relacionados a expressões faciais, há questões que ainda permanecem na mira de questionamentos e polêmicas, sem uma conclusão, uma posição final. Há pontos de vista que se complementam e outros que se anulam, o que depende dos estudos de cada profissional, de suas convicções enquanto pesquisador, da bagagem que trazem consigo, dos discursos pelos quais são interpelados e com os quais se identificam em parte ou no todo.

Traduzir e compreender um sorriso é um importante recurso para lidarmos com o outro. Nem sempre aquilo que se tenta transmitir está estampado no sorriso da pessoa. Um sorriso pode revelar o que muitas vezes as palavras tentam ocultar.

Os sorrisos têm as suas especificidades, transmitem sentimentos diversos; alguns podem ser involuntários, sem uma intenção ou uma motivação em especial ou oriundos do transtorno da expressão emocional involuntária, uma patologia manifestada através de episódios de riso e/ou de choro incontrolável, outros ainda, podem ser propositais, minimamente calculados ou simplesmente, naturais, como

consequência de um tipo de estímulo.

Para os neodarwinistas, as expressões faciais humanas representam significativos papéis de comunicação, por sinalizarem possíveis atitudes posteriores de quem as transmite. Este é também um dos motivos para o interesse em saber o que diz a feição (sorriso), a fim de antever o que está porvir.

Não temos como deixar de interpretar, como não refletir sobre; e neste exercício de análise de discurso, não devemos cair no engano de sermos conscientes de tudo, visto a análise de um mesmo objeto variar, a depender do olhar clínico e da metodologia empregada pelo analista, sem falar no fato de que tal análise nos propicia uma associação menos ingênua com a linguagem, como apregoa Orlandi (2009, p. 9).

Quanto à dinâmica do ato de sorrir, podemos somar à situação, o envolvimento e articulação de vários músculos faciais.

A expressão genuína do sorriso envolve o rosto inteiro, e implica sempre a contracção de dois músculos: o zigomático maior, um músculo especialista, cuja função é exclusivamente elevar a comissura labial (AU12) e o orbicular dos olhos *pars lateralis*, um músculo generalista, difícil de controlar voluntariamente, e que no sorriso desempenha uma função imprescindível, porque é o músculo que confere a aparência feliz (AU6). Um sorriso falso utiliza apenas os músculos da parte inferior do rosto, é mais breve e mais assimétrico que um sorriso genuíno (Mesquita, 2011, p. 109).

A relevância desta pesquisa apoia-se no fato do riso ser um comportamento característico da natureza humana; vinculado a aspectos da cultura, da filosofia, da história e da saúde; dialógico, pois, por meio do humor nos defrontamos com a comédia e o escárnio que há por traz de cada riso.

1.6 METODOLOGIA

A pesquisa compreendeu o estudo sobre a expressão facial do sorriso. São apresentados enfoques variados relacionados ao advento do sorrir, entendimentos de estudiosos que se debruçaram em pesquisas, concepções que se integram e/ou se invalidam;

São elencadas suas várias manifestações e seus significados exibidos no tempo e no espaço;

Momentos e ambientes propícios ou não à prática do sorrir são explorados;

As inúmeras intenções existentes por detrás de um sorriso são enumeradas

e eles (os sorrisos) rotulados, mediante a observação visual da expressão, bem como suas condições de produção;

Os benefícios para quem o recebe, bem como, para quem o oferece, são apurados e listados, a título de informação, pois até para incentivar um ato ou desestimulá-lo, faz-se necessário um discurso.

Com base nos traçados apresentados na fisionomia ao sorrir, nos movimentos faciais musculares exercidos na atitude, em suas “condições de produção” (Pêcheux, 2014) e munida de informações sobre os muitos tipos de sorrisos existentes, sorrisos estes, positivos e negativos, serão observadas e analisadas imagens de domínio público, *prints* de rostos retirados do *YouTube*, *Disney Plus* e *Netflix*. Deste modo, para o embasamento e realização desta pesquisa, utilizamos recortes de imagens faciais de cenas de filmes, imagens estas, de domínio público e conteúdos disponíveis em sites e livros pesquisados, referentes ao assunto em questão. O intuito não será atingir a plena verdade, até porque, como defendido por Orlandi (2009), ela não existe, nada está completo, os sujeitos e os discursos estão em constante significação. As produções estão permeadas pelo contexto sócio- histórico, ideológico presentes, que variam no tempo e no espaço e tais produções, discursos, possuem outros discursos que o atravessam, interpelações, com as quais aquele que produz se identifica, além de suas memórias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA- ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

Nesta seção trazemos uma prévia sobre o suporte teórico norteador da pesquisa em pauta e apresentamos alguns de seus termos e suas características. Assim, cabe destacar que fomos impactados pela análise de discurso (AD) de procedência francesa, desenvolvida pelo filósofo francês Michel Pêcheux, na década de 60 na França, e trazida para o Brasil pela professora e linguista Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, no final dos anos 70.

Dessa forma, partimos da definição de AD, atribuída por Orlandi (2009, p. 15-16), discurso este, materializado na fala e tratado em seu percurso.

[...] a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.

Para análise de discurso, a linguagem não é transparente, por conseguinte, busca saber como o sentido é produzido, em que condições de produção; como o texto, o discurso significa para e por sujeitos. Ela trabalha os limites da interpretação, seus dispositivos analíticos e conceitos mobilizados frente à pretensão do analista e àquilo que analisa e sua natureza, e cujos resultados diferenciam-se, visto a possibilidade de tomada de caminhos diversificados na análise, as posições ocupadas por quem analisa com relação ao objeto de análise e o fato de existir muitas maneiras de significar a linguagem, motivo este, que impulsionou estudiosos para o estudo desta mesma linguagem (seja ela verbal, não verbal ou mista), e que fez surgir a análise de discurso.

A análise de discurso coloca em relação o dizer e a sua exterioridade (contexto sócio-histórico) e reflete como a ideologia se materializada no discurso, que se materializa na língua. Em suma, ela busca exhibir os mecanismos envolvidos no processo de significação, no processo de produção dos efeitos de sentido entre interlocutores (Orlandi, 2009).

Quem analisa não pode simplesmente se satisfazer com a sua posição como sujeito, refletido nos sentidos interpretados e marcados pela ideologia que traz consigo, nem tão somente, com o fato de “saber a língua”. Compreender vai além,

engloba também se reconhecer e empenhar-se em conhecer (Barreto, 2006)¹.

A análise de discursos permite a quebra de barreiras, permite adentrar para além das evidências, penetrar no que está explícito em direção ao implícito, ao não dito, que também significa. Sem modelo preestabelecido e obrigatório o analista imprime ao objeto de análise a sua marca, através de seus posicionamentos, reflexo de sua formação enquanto sujeito, de suas limitações e capacidades atuais, digo atuais, porque num outro momento, sob outras perspectivas, a análise pode ser outra, ou seja, a análise de discurso é constituída por identidades que são provisórias e diversificadas, por isso a incompletude do discurso, e “por tabela”, também do sujeito.

2.1 Discurso

O discurso é o objeto de estudo da AD, sendo ele, a linguagem em movimento, ou seja, o processo de comunicação utilizado na transmissão de mensagens entre interlocutores. Sua investigação propicia a observação do homem falando, produzindo sentidos. Na AD o discurso não se resume a simples transmissão de informação, pois a comunicação não se dá de maneira sequencialmente uniforme e estanque (emissor, receptor, código, referente e mensagem). A língua é complexa, não há uma predeterminação de que enquanto um fala, o outro escuta e interpreta, pois ambos estão concomitantemente realizando o processo de significação, de produção de sentidos. Assim, como enfatiza Orlandi (2009, p. 21):

[...] no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.

Isto posto, “o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (Orlandi, 2009, p. 21). Sua produção prevê o leitor a que se destina, assim, o locutor se imagina leitor de seu próprio discurso, direcionando suas argumentações com base na antecipação de possíveis respostas, interpretações, sentidos desejáveis (Orlandi, 2001, p. 18). Ele tem a ver com as condições em que é produzido e com outros dizeres, ou seja, tem história, retoma sentidos preexistentes, não é fonte exclusiva de quem o “produz”,

¹ BARRETO, Raquel Goulart. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24623/17602>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

embora este tenha a ilusão necessária de o ser, conforme sugere Pêcheux (2014 *apud* Orlandi, 2001, p. 19).

Os discursos, sejam eles verbais ou não verbais, são constantes construções e reconstruções de sentidos, são intermediações daquilo que já foi produzido sobre e daquilo que está sendo produzido, ou seja, intermediações entre o já dito em um dado tempo e local e algo a se dizer, logo, como ratifica Orlandi (2009, p. 39): “[...] um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros”.

É mister acrescentar ainda que, o discurso abrange a ideologia materializada na linguagem, é aliás, partindo dele, que temos a ligação entre língua e ideologia, sendo aquela, condição e possibilidade do discurso (Orlandi, 2009, p. 22).

2.2 Ideologia

Diante de qualquer objeto simbólico, somos levados a interpretar para dar sentido, o que evidencia a presença da ideologia (conjunto de valores, ideias e princípios que norteiam condutas e crenças), visto ela ser requisito para a constituição do sujeito e dos sentidos. Na produção do dizer, o indivíduo recorre àquilo que o toca pela ideologia, imprimindo ao objeto as suas concepções, a sua leitura de mundo. Há uma preservação do já dito em um dado tempo e local, através do resgate da memória discursiva (o já dito e vivido na sociedade, que articulado ao discurso, influencia a comunicação e a interpretação de informações), o que ocorre de maneira inconsciente, dando a falsa ilusão, porém necessária, de que os sentidos têm origem em nós.

“Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Pêcheux, 1975 *apud* Orlandi, 2009, p. 17), e é a AD que trabalha essa relação entre língua, discurso e ideologia.

A ideologia é materializada no discurso, pois está inserida nele e está presente em todas as esferas da sociedade. Ao abordar quaisquer assuntos que seja, comunicamos os nossos pontos de vista sobre, e estes, não surgem do nada, do vazio, mas sim, de outros dizeres com os quais nos deparamos no decorrer da vida e com os quais nos identificamos. Ela, a ideologia, é a responsável por uma interpretação e não outra, por direcionar os sentidos, e as suas condições de existência são determinadas pela história.

2.3 Leituras/ Sentidos

As leituras de um discurso são realizadas mediante a atribuição de sentidos, para tanto, há de se considerar as condições de produção, ou seja, os sujeitos envolvidos (autor e leitor), a posição ocupada por eles; a ideologia presente; a distinção entre leitura parafrástica (manutenção do mesmo, repetição) e a polissêmica (múltiplos sentidos, o novo, o transformado); as histórias da leitura do texto; aquilo que está embutido nele, outros textos, memórias esquecidas, o não dizer que significa; as histórias das leituras do leitor, sua formação discursiva; o contexto histórico e social e os vários tipos de discurso: autoritário (tende para o parafrástico), polêmico (equilíbrio entre polissemia e paráfrase) e lúdico (tende para a total polissemia) (Orlandi, 2001, p. 24 e 38). Nesta perspectiva, as possíveis leituras para um mesmo discurso são muitas e variam de época para época e de sujeito para sujeito, daí a incompletude tanto do sujeito quanto do discurso e seus sentidos.

Leitura não é mera decodificação, mas compreensão, na medida em que a linguagem media (transforma) a relação entre homem e sua realidade natural e social (Orlandi, 2001, p. 38). O acervo histórico de leitura de todo o leitor é parte de sua compreensibilidade, dessa forma, pode tanto ampliar como reduzir e/ou limitar o seu entendimento sobre. Sua pluralidade de leituras possíveis e desejáveis deriva do contexto histórico-social de produção (Orlandi, 2001, p. 43). Podemos inferir que “saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente” (Orlandi, 2001, p. 11).

Todo sujeito se constitui de sentidos advindos de sua formação discursiva, concebida por interpelações ideológicas, mais especificamente aquelas com as quais se identifica, presentes no meio em que o indivíduo está inserido. Assim, Pêcheux (2014, p. 146-147) salienta que, o sentido de uma palavra, expressão ou proposição é determinado pelas posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico em que são (re) produzidas, posições estas, sustentadas por quem as emprega.

2.4 Paráfrase e Polissemia

Os discursos são anteriores a nossa existência, ou seja, não têm origem em nós, como afirma Orlandi (2009, p. 35). O sujeito produz linguagem e é produzido nela, num processo que envolve o mesmo e o diferente, o já dito e o a se dizer, o

permanente e o transformado, o novo. A dinâmica da linguagem se sustenta na interação entre os processos parafrásticos e polissêmicos, onde sujeitos e sentidos fazem seus percursos, se significam (Orlandi, 2009, p. 36).

Nos processos parafrásticos há sempre aquilo que se conserva, a memória, o retorno aos espaços do dizer. Nele, diferentes arranjos do mesmo dizer consolidado são produzidos. Na polissemia, há a ruptura de processos de significação; sentidos diferentes e múltiplos são sempre possíveis. Enquanto o parafrástico opera com a produtividade, o polissêmico, opera com a criatividade, permitindo o deslocamento, a ruptura em relação ao dizível (Orlandi, 2001, p. 20).

Há discursos que tendem para o tipo autoritário (não há reversibilidade; a paráfrase, o mesmo prevalece; procura-se impor só um sentido). Outros tendem para o tipo polêmico, no qual há um tenso equilíbrio entre polissemia e paráfrase, uma disputa entre os interlocutores, a possibilidade de mais de um significado, sendo a polissemia, controlada. Há ainda o tipo lúdico, onde a reversibilidade é total, a polissemia predomina (Orlandi, 2001, p. 24).

2.5 Formação Discursiva

A formação discursiva é o espaço da composição do sentido e da identificação do sujeito. Ao comunicar, o indivíduo produz discurso e é retratado em suas palavras. Posições ideológicas são inseridas no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas, e estas, mudam de sentido a depender da posição ocupada por quem as emprega (Orlandi, 2001, p. 58).

O discurso do sujeito é o reflexo de suas formações discursivas, que representam formações ideológicas correspondentes, pelas quais o cidadão foi interpelado e com as quais se identificou ao longo de sua trajetória. As várias formações ideológicas que constituem o cidadão o fazem heterogêneo e até mesmo contraditório, embora a formação dominante das diferentes posições do sujeito no texto promova a unidade (Orlandi, 2001, p. 58 e 70).

A formação discursiva, como assegura Orlandi (2009, p. 43), determina o que pode ou não ser dito, conforme a posição ideológica do indivíduo falante. Os sentidos das palavras derivam das formações discursivas em que se inscrevem, sentidos estes, ideologicamente determinados e presentes na discursividade (Orlandi, 2009, p. 43).

2.6 Condições de Produção

O conhecimento sobre as condições de produção de um objeto específico de análise é peça fundamental para a melhor compreensão do sujeito sobre o objeto. Assim, são considerados o homem fazendo história, comunicando; a ligação entre a língua e o sujeito falante; as situações em que o dizer é produzido, ou seja, os processos e condições de produção da linguagem, objetivando uma leitura possível e mais fiel em relação àquilo que o sujeito do discurso almejou transmitir ao se projetar como um leitor de sua produção.

Aquele que produz o discurso o faz mediante um processo e sob determinadas condições e quem realiza a sua leitura, também assim o faz, visto o “leque” de leituras possíveis, propostas ou pressupostas existentes para um mesmo objeto de análise. Dessa forma podemos entender que, ainda que haja uma pluralidade de sentidos possíveis para um dado objeto de análise, pois como afirma Rimbaud (s.d. *apud* Orlandi, 2001, p. 12), “todo texto pode significar tudo”, há uma determinação histórica que faz com que só alguns sentidos sejam “lidos” e outros não”, e o olhar atento à referência histórica do discurso produzido viabiliza a identificação da leitura realizada, como mais ou menos próxima daquela que “deveria ser” a adotada.

As condições de produção envolvem o contexto imediato e este é sócio-histórico e ideológico, pois acontece num dado tempo e local, sob condições sociais e históricas, além de refletir a visão de mundo de quem faz uso da palavra, visão esta, associada à sua posição ocupada, bem como aos conhecimentos e valores com os quais se identifica e que traz consigo. Isso permite que os sentidos possam ser uns que não outros, assim, o que pode significar hoje ou para um dado cidadão, amanhã pode não mais significar da maneira como o era, pois os interlocutores e as relações estabelecidas entre eles variam, suas posições se alteram e o que trazem de conteúdo (“bagagem”), também se diversifica e se transforma.

A dinamicidade, quando se trata de produção e leitura de discurso, vigora. Não há o estabelecimento do verdadeiro, do estável, do imutável, o que há são interpretações mais ou menos próximas daquilo que o sujeito do discurso procurou transmitir, a depender do conhecimento sobre as condições de produção em que se insere o discurso produzido, do olhar clínico sobre aspectos nem sempre explícitos e presentes, mas que também significam e das posições ideológicas de quem o produz,

bem como, de quem realiza a sua leitura.

Diante do exposto, podemos definir por condições de produção, apoiando-nos em Pêcheux (1969 *apud* Orlandi, 2001, p. 18) ao apontar que “os interlocutores, a situação e o contexto histórico- social, ideológico que constituem o sentido produzido diante de um referido discurso, seja ele verbal ou não verbal”.

2.7 Efeito de Sentido

A linguagem na perspectiva da análise de discurso, é entendida como elo indispensável entre o homem e a conjuntura natural e social, elo este, definido como discurso passível de estabilidade e também de mudança do homem e de sua realidade (Orlandi, 2009, p. 15).

Esta flexibilidade ratifica a essência da análise, que investiga as suas formas de significar a língua no mundo entre os falantes, e os sentidos engendrados na qualidade de leitor, intérprete e “produtor” de discurso.

Quando chegamos ao mundo, os discursos já estão ali e desde o início de nossas vidas entramos em contato com aquilo que já se apresenta como posto. À medida em que tempo vai passando, vamos ampliando o nosso repertório sobre os diversos discursos existentes, observando os contraditórios e/ou complementares e formando as nossas próprias opiniões, discursos.

Para tanto, nos apoiamos naquilo que trazemos na memória, por vezes “esquecido” e juntamos às nossas perspectivas, ao nosso eu como sujeito e tendenciosamente, conservamos e/ou refutamos pontos de vista, de acordo com afinidades pessoais, para formarmos um novo discurso, que apesar de “novo”, carrega em si dizeres já consagrados, mas que pelo simples fato de partir daquele que o “produz”, dá a ilusão de produção própria, exclusiva; “ilusão necessária” Pêcheux (1975 *apud* Orlandi, 2009, p. 81).

Quanto maior a amplitude de leituras do analista de discurso, mais próximo ele fica do leitor imaginado para aquele discurso, quando da sua produção, pois há uma previsão de um possível leitor desejado, inscrito e constituído no ato da escrita, seja ele um leitor cúmplice ou adversário. Da relação entre os interlocutores, autor X leitor, mediada pelo objeto, texto/discurso, surge o sentido, que varia. Os sentidos fazem efeitos diferentes para diferentes interlocutores. O intérprete, leitor, não pode ficar na objetividade do que lhe é apresentado, fixando-se na mediação, no objeto, e

por conseguinte, perdendo a sua historicidade, a historicidade da própria ação da leitura e da sua produção, comprometendo a sua significância (Orlandi, 2001, p. 9).

É na leitura que os interlocutores se identificam como tal e dão sentido ao objeto em análise, num processo de significação onde sujeitos e sentidos se constituem simultaneamente. Esse processo de leitura é dinâmico, acontece de maneiras diferentes, conforme a distância estabelecida entre o leitor virtual e o real e seus modos de leitura, e, portanto, ensejam interpretações variadas, porque “ler é saber que o sentido pode ser outro” (Orlandi, 2001, p. 12).

Toda leitura e todo discurso além de coletivo, é individual; coletivo porque compreende outras leituras, outros discursos de outrora e “individual” porque vem com uma nova roupagem inclinada às particularidades e afinidades daquele que “o produz”.

2.8 Processo de Interpelação do Sujeito

Todo sujeito que produz linguagem é reproduzido nela, seu discurso é reflexo de sua interpelação pela ideologia com a qual tem maior afinidade, retomando sentidos preexistentes, conservando muito do já dito em determinadas épocas e locais e dando uma “cara nova ao seu discurso”, com o acréscimo de suas contribuições, compatíveis com sua formação discursiva e sua posição de fala, o que não confere ao “novo dizer”, exclusividade, visto partir de um já dito que o sustenta e apontar para ditos futuros. Dessa forma, a seleção entre o que dizer e o que não dizer também significam, além dos silenciamentos.

À vista disso, a constituição do sentido e a identificação do sujeito estão em harmonia com o lugar ocupado por aquele que vos fala e com aquilo que o toca, suas crenças, etc; o que não faz do sujeito e do sentido, estáticos, pois ambos não estão prontos e acabados, e por conseguinte, nem o seu discurso, afinal, a incompletude é a condição da linguagem (Orlandi, 2009, p. 37).

Um mesmo discurso pode ter um significado para uma determinada pessoa hoje, e amanhã apresentar outro significado ou apresentar diferentes significados de pessoa para pessoa. Os sujeitos e os sentidos sempre podem ser outros, estão num movimento contínuo de vir a ser; as interpelações, as abordagens são dinâmicas, se movimentam, variam e podem fazer deslocar os significados.

Todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que

recortamos e a forma do recorte determina o modo da análise e o dispositivo teórico da interpretação que construímos, [...] o que conduz a resultados diferentes (Orlandi, 2009, p. 64).

A interpelação apresenta a cada sujeito a sua realidade e revela as suas afinidades diante da posição ocupada em relação ao objeto de análise, o que faz produzir os sentidos.

3 RISO, UMA INCÓGNITA

Nesta seção serão abordados os vários conceitos do riso e do risível e as condições de produção facilitadoras das concepções em pauta num dado tempo e local; ideias convergentes, divergentes, complementares e excludentes serão apresentadas; referências autorais em matéria de riso farão parte do trabalho. No decorrer da leitura será possível identificar os vários tipos de sorriso, sob diferentes classificações e conhecer os prováveis motivos pelos quais ele acontece; suas consequências serão elencadas e teoricamente fundamentadas; todo o movimento corporal até às vias de fato do sorriso, será sequencialmente apresentado, visto o corpo, segundo Goffman (2002), ser um dos principais recursos para sinalizar a validação ou interpretação de uma mensagem, afinal a comunicação não se limita à fala, mas envolve uma “encenação” por parte dos interlocutores, pistas ou evidências para a interpretação social das intenções comunicativas. Nesse sentido, o riso, antes de ser explicitamente manifestado, conta com gestos preparatórios que sugerem sua iminência, funcionando como elementos de definição da situação. Também neste capítulo, a presença do riso nas diversas fases da vida e em pessoas do sexo oposto serão objeto de comparação; motivos que limitam ou impedem a sua manifestação serão discutidos; pontos de vista sobre a sua natureza serão apresentados e confrontados; ele ainda, será traduzido na arte da pintura.

Ao atribuir os diversos e variados discursos sobre o riso a determinados estudiosos não será referenciado apenas o que disseram sobre, mas também, as suas posições de fala dentro de uma conjuntura ideológica, científica e filosófica de época, refletida nos valores, crenças e saberes que significam a ação de sorrir segundo cada qual. Neste contexto, o discurso assume a significância de um conjunto de práticas sociais e linguísticas que organizam sentidos; mediante condições históricas, sociais e ideológicas, carregando significados que ultrapassam os limites do dito explicitamente e espelham as posições de saber e poder, enunciado consoante às concepções de Orlandi (2009).

3.1 Pensamentos sobre o Riso na Antiguidade

Praticamente inexistente teoria do riso que não se ocupe também do que o provoca, ou seja, do risível, em grego, *ridiculum*; em latim, “*ridículo*”, não

necessariamente algo negativo, antes, aquilo de que se ri (Alberti, 1999, p. 39-40).

Saber o que é o riso, durante um bom tempo, foi apurar os mistérios da competência humana superior à dos animais e inferior à de Deus. Aristóteles (384-322 a.C.) já o definia como especificidade do homem, mas não do recém-nascido, que só ri dormindo e que dorme mais do que os outros animais, por ser o mais imperfeito dentre os pequenos que nascem acabados. Cabe acrescentar aqui, a reflexão presente no Estatuto do riso na teologia medieval, sobre o fato de Jesus Cristo nunca ter rido (Alberti, 1999, p.40-51).

Alberti (1999, p. 53-54) menciona que, de acordo com Aristóteles, o riso e o risível (o que faz rir) são provenientes daquilo que é agradável, natural, habitual e que dá prazer, efeito do desejo inato. No jogo de palavras, o riso surge do elemento surpresa e o seu efeito fica a cargo do entendimento do ouvinte sobre os sentidos ordinário e resultante da mudança, intencionalmente colocados pelo emissor.

Os gregos passavam bastante tempo pensando o papel do riso numa sociedade saudável e concluíram que pela influência significativa exercida sobre os indivíduos que escolhiam o deleite de sorrir, era necessário estabelecer normas para sua prática. A figura do bobo da corte nasceu na época da Grécia antiga, mas não tinha o sentido depreciativo que muitas vezes tem atualmente (Funes, 2001, p. 7).

Em Platão (427-347 a.C.), Alberti (1999, p. 40-41) elucida que encontramos a mais antiga definição teórica que ficou sobre o riso e por mais que não apareça nos clássicos sobre o assunto, o seu lugar ocupado no prazer não é alheio às teorias que surgiram posteriormente. Para o filósofo e matemático, existem os prazeres verdadeiros (puros, precisos) e os falsos (misturas de prazer e dor, interrupção da dor e reconstituição de nosso equilíbrio), estes, divididos em três categorias: corporais, semicorporais e semi-espirituais e puramente espirituais, as últimas, inerentes à alma, ao seu estado e referentes às paixões regidas por fundamentos do prazer e da dor.

O estado da alma em que nos colocam as comédias era o caminho para entender o riso e o risível, assim, segundo Alberti (1999, p. 41-47), Sócrates (s.d.), através do cômico, quis provar que o sentimento advindo da categoria espiritual era composto de prazer e de dor. O risível seria o desconhecer-se, mais precisamente do fraco, que se imagina mais do que o que de fato o é, tornando-se objeto do riso, que se vindo de um amigo, mistura a inveja (dor da alma) e o prazer (riso), ambos coexistindo, sendo o segundo, o riso, supostamente um prazer falso, visto se misturar com a dor (inveja), o que caracteriza a teoria de Platão, ou seja, a desaprovação moral

tanto de quem ri, como do motivo pelo qual se ri (do outro que desconhece a si mesmo), o que o inferioriza (prazer falso) diante dos prazeres verdadeiros. Albertini (1999) ainda comenta que para Platão (s.d.), o cômico somente se observa em quem o desconhecimento de si não causa medo nem ódio.

Para Quintiliano (35-96), orador e professor de retórica romana, o riso está inserido na discussão das paixões que estão associadas ao desfecho do discurso, ao risível, um dos últimos artifícios para persuadir o ouvinte, neste, o orador joga com todas as armas que tem para seduzir e suscitar no juiz o patético, que normalmente desemboca no choro (Alberti, 1999, p. 63).

De acordo com Alberti (1999, p. 90), Quintiliano (s.d.) sustenta que fazemos rir pelo que fazemos e pelo que dizemos, indício de que sua classificação está na origem dos risíveis feitos e ditos de Joubert (1529-1582), porém do ponto de vista de produtor do riso, na qualidade de orador.

A peculiaridade da classificação de Quintiliano (s.d.) liga o que se refere ao objeto risível (extraído de nós, de outrem ou de um elemento neutro) às maneiras de destacá-lo (pelas coisas ou pelas palavras) e confere à simulação, ao fingimento, o seu atributo, o que o aproxima do pensamento moderno, contrário à lógica e à verdade (Alberti, 1999, p. 64-67).

Segundo Alberti (1999, p. 134), para Demócrito (460-360 a.C.), o filósofo sorridente, as vaidades e o orgulho do mundo são abarrotados de ridículo. Robert Burton (1577-1640) faz uma projeção do que Demócrito riria se estivesse vivo e aponta “o falso entusiasmo religioso”, cheio de crenças, permeado por tradições e cerimônias descabidas e de fiéis confessos, porém dessemelhantes a Deus, uma loucura religiosa (Alberti, 1999, p. 134).

De acordo com as premissas de Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), o riso é estimulado por uma ação, palavra ou toque físico, revelando o risível que há em nós, em outrem ou num elemento neutro. Ele tem a sua base em alguma deformidade e torpeza (em Aristóteles, o cômico tem sua base no defeito, no torpe que não causa dor nem destruição). O filósofo afirma ainda que, a fonte do discurso sério e do risível é a mesma, porém o pensamento grave se aplica às coisas honestas, sérias, enquanto o risível àquilo que é torpe, baixo. Rimos por motivos e de maneiras diversas (Alberti, 1999, p. 61-65).

3.2 O Riso ao longo da Idade Média (476-1453)

Nesta época marcada pelo feudalismo, pela influência da igreja, e pelas cruzadas e inquisição, era propagado nos textos teológicos o fato do riso nos diferenciar dos animais e de Deus, o que não conferia ao homem a liberdade de fazer uso dessa faculdade deliberadamente, visto Deus nunca tê-lo feito, e portanto, tal ato configurar um pecado, pelo menos para o homem cristão Joachim Suchomski (1975 *apud* Alberti, 1999, p. 68).

Conforme Suchomski (1975 *apud* Alberti, 1999, p. 69), nesse período o riso era dividido em dois gêneros, um correspondia à felicidade terrena e passageira (*laetitia temporalis*) e o outro à felicidade verdadeira, pós-morte ou mesmo em vida, diante da contemplação de Deus e de suas criações (*gaudium spirituale*).

No decorrer da Idade Média, as avaliações sobre o riso se apoiavam em duas vertentes, uma bíblica, que condenava o ato, permitindo apenas o riso do *gaudium spirituale* e a outra pautada em autores da antiguidade

Podemos marcar o riso cronologicamente na Idade Média, segundo Le Goff (1989 *apud* Alberti, 1999). Entre os séculos IV e X prevalecia a contenção do modelo religioso. Na sequência, o adestramento do riso na esfera da igreja, e, sua liberação na corte, com a instituição do *rex facetus*, o rei brincalhão, praticamente uma ferramenta de poder. Urge mencionar ainda o riso feudal (o *gab*) no qual homens reunidos exageravam em histórias de guerreiros. A partir do século XII, uma expressão risonha começa a se misturar às atitudes dos santos e por fim, a “cultura do riso” é introduzida. No século XIII pequenas histórias engraçadas são incluídas nas pregações da igreja, através da teoria dos exemplos, amenizando o sermão, mas chamando a atenção para um ensinamento sério Suchomski (1975 *apud* Alberti, 1999, p. 72).

Ainda no período que compreende a idade média, podemos mencionar o bobo da corte, funcionário da monarquia, cujo papel era entreter e fazer rir o rei e rainha. Para tanto, tinha um poder descomunal de dizer o indizível, mantendo um equilíbrio para alfinetar sem causar ira; insinuar sem humilhar; agitar sem inflamar, porque qualquer deslize poderia ser fatal (Funes, 2001, p. 224).

3.3 Riso Nos Séculos XVII e XVIII

Nos séculos XVII e XVIII havia um pensamento desordenado sobre o riso, recheado de polêmicas e discussões, e nesse cenário, autores comumente elaboravam a sua própria opinião sobre o assunto; na tentativa de contestar, responder ou depreciar outras ideias, não que em outras épocas isso não tenha ocorrido, mas nesse período ganhou muita relevância. (Alberti, 1999, p. 119).

Podemos apontar dois olhares comuns sobre o pensamento do riso nos séculos XVII e XVIII, um coloca o objeto do riso como avesso a regras e à verdade, o que seria o chamado por Bakhtin e outros, de “riso clássico”. O “receio do ridículo”, de acordo com Fritz Schalk (1977 *apud* Alberti, 1999, p. 119), nessa época era grande, moralistas determinavam as condutas aceitas e aquilo que fugisse às normas estabelecidas, que não estivesse de acordo com a “sociedade” era considerado ridículo, termo que ultrapassou os limites franceses do Antigo Regime (Alberti, 1999, p. 119).

O segundo olhar aponta a produção de duas teorias do riso nos séculos XVII e XVIII, a teoria da superioridade e a teoria do contraste ou incongruência, a primeira representada por Hobbes (1966) e relacionada à ideia do riso malevolente e a segunda relacionada à ideia do riso benevolente, divisão esta, sustentada por Stuart Tave (1960 *apud* Alberti, 1999, p. 120). Nessa época enquanto na França do Antigo Regime prevaleciam instituições que ditavam as regras avessas à manifestação do riso, na Inglaterra o liberalismo passou a atribuir uma conotação positiva aos desvios da ordem.

Para Schalk e Bakhtin (1977 *apud* Alberti, 1999, p. 120), o “ridículo” do Antigo Regime opõe-se à sátira bizarra do século XVI, onde verdadeiro e falso; racional e irracional não eram separados, mas que no Antigo Regime, com o estabelecimento de critérios de verdade, de ordem, de medida, a separação entre o natural (racional) e o falso (ridículo) acontece.

Mikhaïl Bakhtin (1895-1975), filósofo e pensador russo, destaca a descontinuidade referente à história do riso da renascença (século XVI) para a idade clássica. Naquela, o riso não era menos significativo que o sério e mostrava as verdades sobre o mundo, a história e o homem, tendo uma acepção positiva, transformadora e criadora. Já no século XVII, o que era primordial ou relevante não podia mais ser cômico, o risível foi repudiado pela moral e pelos bons costumes e

reduzido ao “ridículo”. A conotação negativa referente ao riso não era novidade, se pensarmos em Platão e também no fato de que Deus não ria (Alberti, 1999, p. 82).

Já para Tave (1960 *apud* Alberti, 1999, p. 120-121), o riso de superioridade tratado por autores ingleses do século XVII, teria como base várias concepções da Antiguidade e da Renascença, uma continuidade na história do pensamento do riso desde a Antiguidade até Hobbes (1966), havendo uma ruptura no século XVIII quando a preponderância do riso corretivo da deformidade cede lugar ao riso benevolente.

A partir da metade do século XVIII, fim do Antigo Regime, acontece outra ruptura, o receio do ridículo dá lugar à liberdade de sentimento do homem e Diderot alerta para o julgamento público impensado e Rousseau, para a necessidade de acabar com a “sociedade”, onde o ridículo destruía a virtude (Alberti, 1999, p. 120-121).

Assim, podemos destacar:

[...] duas concepções do riso seguidas nos séculos XVII e XVIII: de um lado, o riso malevolente de Hobbes e a predominância do “ridículo” no Antigo Regime e, de outro, o riso benevolente da teoria do contraste e o fim da eficácia normativa do ridículo (Alberti, p. 121).

Alberti (1999, p. 122), ratificando o declínio da função normativa do ridículo diagnosticado por Schalk (1977) aponta que há uma crítica a seu emprego indiscriminado (ato de ridicularizar, objeto ridicularizado) que assim usado, sufoca talentos e virtudes. Já o ridículo como cômico contrasta com o normativo.

A dificuldade em definir o objeto do riso é grande, visto ele não ser apenas efeito de algo engraçado, mas também de tropeços, de fracassos, danos, prejuízos. Há, porém, algo aparentemente inquestionável, o fato dele dever ser novo e inesperado, pois o habitual e arcaico deixa de despertar o riso (Alberti, 1999, p. 128).

Para Laurent Joubert (1529-1582), conselheiro e médico do rei, nascido em 1529 em Valence; de acordo com Alberti (1999, p. 127), os risíveis têm pormenores que nos invadem, promovendo o riso; para Hobbes (1588-1679) e Descartes (1596-1650) as formas pelas quais os objetos risíveis nos tocam é o que nos provoca as paixões que ao atingir o coração, depois de já ter passado pelo cérebro; ou nos dá prazer, ou dor. Essa dor ou esse prazer, enfim, todas as paixões, compõe uma concepção futura, uma expectativa, diante de uma concepção de poder passado, um recuo à memória para um ato que virá.

Segundo Alberti (1999, p. 148), Joubert (1973) aponta que o coração é o

centro da causa moral (a paixão de falsa tristeza e falsa alegria) e da causa física (o movimento de contração e dilatação) do riso.

A natureza de seu pensamento compreendia a alma, Deus e as infinitas alternativas de tudo o que há e a ausência de dor ou de destruição era o critério absoluto do seu objeto (Alberti, 1999, p. 154).

O conselheiro do rei (Joubert) atribuía a sua dedicação ao assunto, ao fato de se tratar de uma das mais admiráveis ações do homem, própria do ser mais notável dentre todos os animais e em 1579 publicou em Paris uma das obras mais profundas sobre o riso, o Tratado do riso. Ao escrevê-lo, resgatou pressupostos da Antiguidade, como o tremor do corpo, presentes em Aristóteles, Cícero e Quintiliano. Joubert parte da concepção de que o riso é um milagre, cujas causas estão escondidas e que segundo os antigos filósofos, configuram a razão atribuída ao ato. Ele defende, porém, o conhecimento de suas causas, visto seus efeitos terem sua fonte e fundamento em nós e sua manifestação visível ser uma “ponte” para desvendar seus segredos intrínsecos. Para tanto, investiga o seu circuito, em cuja trajetória, o risível penetra na alma (se estamos prestando atenção nele) através da visão e da audição (sentidos exteriores), chega em seguida ao cérebro (senso comum) e instantaneamente é encaminhado ao coração, núcleo das paixões, tocando enfim, a faculdade da alma, potencializando-a e provocando um movimento próprio à paixão do riso, que estende-se por todo o corpo.

O riso também pode ser ativado pela recordação, fazendo mover o sentido como coisa presente ou ainda acontecer sem que haja uma matéria risível real, culminando num sorriso falso que cessa, tão logo o engano é detectado. A identificação e discussão teórica de todo esse processo, de suas consequências é o que faz descobrir a sua propriedade oculta. Joubert (1973 *apud* Alberti, 1999, p. 81-95) conceitua a matéria do riso enfim, como causa externa do movimento do riso, ligada ao gênero coisa concreta, torpe, indigna de compaixão, encontrada nas espécies fato (coisa-feitos e vistos) ou dito (palavra- ditos e ouvidos), apreendida pelos sentidos e que conta com o fator surpresa.

Em Joubert (1973 *apud* Alberti, 1999, p. 89-90), rimos dos inimigos fortes que se desconhecem (contrário de Platão – ri dos amigos fracos) e não somos moralmente condenados. Ele divide a espécie dos feitos risíveis em cinco: os risíveis feitos sem querer, os feitos de propósito, os danos leves, as brincadeiras que fazemos com os outros e os enganos relacionados aos cinco sentidos e o faz do ponto de vista

do observador. Seus risíveis feitos e ditos só fazem rir se forem engraçados, penetrarem os sentidos e serem adequados em tempo e lugar, serem inesperados e não enfadonhos (Alberti, 1999, p. 90).

Alberti (1999, p. 102-103) aponta que Joubert (1973) classifica o riso em natural e bastardo ou “falso riso”, este, dividido em riso da loucura ou delírio, um sorriso doentio, privado de matéria risível, de causa, sinal de loucura; riso convulsivo ou equivocado; riso do diafragma ferido ou forte pancada nas costas e riso das cócegas.

Joubert (1973 *apud* Alberti, 1999, p.101) define o riso enfim como:

O riso é um movimento, feito de espírito espalhado (*epandu*) e desigual agitação do coração, que alarga a boca e os lábios, sacudindo o diafragma e as partes pectorais, com impetuosidade e som entrecortado, pelo qual é expressa (*exprimé*) uma afecção de coisa torpe, indigna de piedade.

De acordo com Hobbes (1966 *apud* Alberti, 1999, p. 129), rimos das próprias ações, das fraquezas dos outros, do dito ou atos engraçados, observação correspondente a de Quintiliano (s.d.), segundo a qual, o riso está em nós, nos outros e em elementos neutros. Hobbes (1966 *apud* Alberti, 1999, p. 132) ainda faz menção à novidade e à surpresa como condições do objeto risível, reportando-se a Cícero. Rimos pela crença efêmera na própria superioridade, o que faz do riso, um signo de poder, porém esse riso não agrada às pessoas do bem, de espírito elevado que não necessitam da fraqueza alheia para se valerem do seu próprio poder, para elas, assim como para Hobbes (1966), quem ri não vence, o riso é sinônimo de inferioridade. Em Hobbes (1966), assim como em Joubert (1973 *apud* Alberti, 1999, p. 132), há um “circuito do riso” que passa pela concepção de um objeto percebido pelos sentidos, a qual continua até o coração, onde produz a paixão cujo signo é o riso, este também é um riso de coisas torpes, indecentes, novas e inesperadas.

Alberti (1999, p. 133) aponta que no século XVIII, Anthony Ashley Cooper (1671-1713), o terceiro conde de Shaftesbury (1664), político, escritor e filósofo da Inglaterra, publicou dois importantes ensaios, que nada mais são do que um manifesto pela liberdade do uso do “ridículo” (riso zombeteiro, grosseiro) para revelar imposturas e superstições. A autora ainda menciona que dentre as principais teses de Shaftesbury (1664) está a de que a verdade é o princípio fundamental que governa o mundo, uma incoerência se pensarmos em homens sensatos receosos de serem

ridicularizados, como se desconfiassem das próprias avaliações e não pudessem fazer o “teste do ridículo”, que nada pode contra a razão (Alberti, 1999, p.133). Também cita que para Shaftesbury (1964) a liberdade de emprego do ridículo está condicionada à liberdade de uma nação, ou seja, somente em nações livres há condições compatíveis à aplicação do ridículo (Alberti, 1999, p. 133).

Shaftesbury (1964), segundo Alberti (1999, p. 134), apoia a abordagem “bem-humorada” da religião, conservadas as “boas maneiras”, os limites. Ele associa a religião pura e sincera a passagem pela prova do bom humor, visto até Deus ter sido ridicularizado e não ter fraquejado, por ser bom e verdadeiro. Defende a prova do ridículo para desvendar e identificar as verdades, pois aquilo que não tolera a zombaria não é digno de confiança; atos e ditos engraçados que não suportam um exame sério são certamente falsos. De acordo com Alberti (1999, p. 136), Shaftesbury (1964) acrescenta que a liberdade de ridicularizar deve ficar restrita a conversações privadas entre amigos que se conhecem bem. Na Inglaterra filósofos antigos se encontravam para se aproveitarem das benesses do ridículo.

Alberti (1999, p. 138) destaca que para Shaftesbury (1964), o risível é sempre uma deformidade (o “falso”, o “mau”) e as virtudes morais (o “belo”, o “bom”, o “verdadeiro”) jamais se prestam ao ridículo, sendo que quem tenta ridicularizá-las torna-se ridículo, pois com a verdade moral e a bondade de Deus, ele nada pode. Os limites da liberdade são estabelecidos por uma medida do senso comum sobre as virtudes morais. Se o objeto do risível é condenável, o método do ridículo é útil aos propósitos da verdade e da moral.

O autor ainda cita que após cerca de 16 anos da publicação dos ensaios de Shaftesbury, Francis Hutcheson (1694-1746), teólogo presbiteriano e filósofo irlandês, surge para fazer frente à teoria de Hobbes, que concebe o riso como oriundo da superioridade, concepção que parte da antiguidade e se estende até ele. Hutcheson (1971) enfatiza que é o riso benevolente que se torna norma e que o malevolente não é próprio para ser chamado de riso, pois este pode ser produzido sem que nos sintamos superiores e nem toda superioridade o impulsiona. Hutcheson (1971) faz a distinção entre riso e ridículo, este, um tipo específico do primeiro, que se faz presente quando rimos das tolices alheias (Alberti, 1999, p. 139-140).

Sua teoria extingue do emprego do ridículo tudo o que possa promover ofensa, permitindo o seu uso apenas diante de imperfeições suscetíveis de correção, o que não produz necessariamente o riso, mas a correção, o prazer vivenciado no

risível atrelado a sua utilidade, assim, a risada do contraste de ideias pelos “homens de senso” está condicionada ao seu efeito útil e motivação benevolente, um riso controlado e domesticado, o único natural e legítimo. Vários são os objetos suscetíveis à correção através do ridículo, um tratamento agradável, dentre eles: as gravidades falsas, imposturas; o fanatismo religioso; a melancolia desmedida; o pânico (Alberti, 1999, p. 134).

Para o filósofo irlandês, embora a maior parte do que causa o riso esteja nas ideias ou imagens baixas ou indignas em contraste com as dignas, não é apropriado rir, pois aquele que ri do ridículo demonstra falta de boas maneiras e de reflexão. Na visão benevolente de Hutcheson (1971) o riso originado pela diferença não é sempre e nem totalmente inofensivo. Em sua concepção, o contraste entre ideias baixas e dignas só é consentido se estas últimas não são “verdadeiramente elevadas” ou se a comparação entre ambas se dá naturalmente, porque zombarias forçadas não atraem homens de senso e reflexão, mas tão somente aumentam o desprezo pelo autor do ridículo, desprovido do senso das coisas “verdadeiramente elevadas”. Não se deve rir de algo que é realmente valioso ou digno de respeito. Como defendido por Shaftesbury e Hutcheson (1971), o homem sensato tem um senso natural da verdade, e conseqüentemente, do ridículo, que é marcado partindo-se de uma ordem natural das coisas, o que o torna “naturalmente” sem efeito, se mal-empregado (Alberti, 1999).

Assim como em Shaftesbury (1964), o homem de senso define a propriedade de uma zombaria ou o objeto ridículo (risível). O homem de espírito fraco não serve de padrão para o riso legítimo. Para Hutcheson (1971) um objeto ou ação “verdadeiramente elevados em todo o sentido”, não terão qualquer semelhança natural com qualquer coisa baixa, ponto de vista semelhante ao de Shaftesbury (1964). De acordo com ele os efeitos e finalidades do riso se resumem em: prazer e relaxamento, correção dos falsos entusiasmos ou falsas grandezas e correção dos pequenos vícios (Alberti, 1999, p. 141-195).

Podemos acrescentar como exemplo de algo naturalmente risível, uma pessoa que pretensiosamente tenta passar uma imagem proeminente, mas os acontecimentos revelam o contrário, o que faz provocar o riso, um riso legítimo, porque revela uma verdade, a falsa grandeza, e faz isso de forma espontânea, ou seja, sem a necessidade de zombaria forçada.

No século XVIII James Beattie (1975) se dedicou de maneira mais

elaborada à questão do riso, condensando e aprimorando as formulações anteriores, mas ainda assim, não superou o tratamento dado por Joubert (1973). Sua concepção não fica muito distante das concepções de Shaftesbury e Hutcheson. Beattie (1975) defende o ridículo para corrigir o “falso entusiasmo” e atrela o seu senso aguçado ao progresso da nação, além de apoiar a sua liberdade na conversação. Como Hutcheson (1975), distingue ridículo (excitação do riso mesclado com desaprovação e/ou desprezo) de “jocosos” (fonte do “riso puro”) e volta-se para um riso que não seja o da deformidade. Segundo ele, o riso é provocado por uma mistura de relações e contrariedades, gatilho para a “emoção risível”, quando não há emoções de maior autoridade, que a superam, como discordância moral, compaixão, medo ou admiração (Alberti, 1999, p. 144).

Ainda sobre o riso neste período, Alberti (1999, p. 144-147) acrescenta que em 1768 foi publicada a obra *Tratado do riso*, mais tarde, *Tratado das coisas físicas e morais do riso*. O tema surgiu da gargalhada de alguém, aparentemente sem motivo, e do questionamento sobre suas razões. O trabalho, anônimo, foi resultado de um colóquio do qual participaram: Destouches (s.d.), Fontenelle (1968) e Montesquieu (1949), à época, acadêmicos. Os três teriam aceitado o desafio de responder o que era o riso e suas razões em troca da resposta pontual daquele que havia gargalhado. A obra é a combinação e interpretação de um autor, referente a três discursos ilustres e divergentes que por vezes retoma premissas e exemplos da antiguidade, assim, podemos inferir que os textos dos séculos XVII e XVIII sobre o riso, têm um caráter duvidoso, visto autorias anônimas ou irrealis, fragmentação e condição efêmera.

Alberti (1999) comenta que para Destouches (s.d.), o riso seria a alegria racional; para Fontenelle (1968), a loucura; e para Montesquieu, o orgulho; dos três, o discurso mais longo e que critica os demais, diferente do primeiro, mais curto e fraco, criticado pelos outros dois. No discurso atribuído a Destouches (s.d.) há uma distinção entre o riso verdadeiro e o riso forçado, distinção que lembra a classificação do riso em Joubert (1963), como verdadeiro e bastardo.

De acordo com Alberti (1999, p. 148), nos discursos atribuídos a Fontenelle (1968) e a Montesquieu (1949) o princípio físico do riso está limitado ao diafragma, e de acordo com Fontenelle (1968), em conexão com o pericárdio; ligação mais larga e mais curta no homem do que nos animais, o que confere ao primeiro, propriedade exclusiva do riso. Já o princípio moral do riso se associa mais à desrazão, sem que a sua matriz seja imputada ao coração.

Para Destouches (s.d. *apud* Alberti, 1999) a racionalidade do riso é a marca distintiva entre homens e animais e ele só pode se iniciar na alegria, que é oposta ao choro. Essa premissa é contestada por Fontenelle (1968), visto a rejeição unânime de “todos os filósofos” referente à alegria ser o princípio do riso. A relação riso com razão é um dilema. Há risos que acontecem mediante a aprovação da razão que examina mais ou menos o seu motivo, mas também rimos sem a aprovação da razão (Alberti, 1999, p. 149).

Para Fontenelle (1657-1757) não há participação da razão no riso, a loucura prevalece e é o princípio do riso; concepção de difícil aceitação aos adeptos de Demócrito, pois o definiria como louco. Sua teoria se sustenta nas expressões físicas do riso: nas caretas; nos sons distintos e desarticulados; no interesse em um objeto desprezível; na instabilidade emocional que faz ir de uma extremidade à outra; dos risos sem motivo (Alberti, 1999, p.149). Fontenelle (1968 *apud* Alberti, 1999, p.149) recorre também ao exemplo do homem solitário, para reforçar a sua teoria:

O homem raramente ri quando se acha só, estando então mais recolhido e mais aplicado a consultar o oráculo de sua razão. Mas um objeto imprevisto, ou alguma ideia solta vindo a distraí-lo, o nervo da atenção relaxa, a razão se afasta, o riso escapa; e essa comoção sensível dos órgãos não é outra coisa senão uma sequência externa da desordem íntima e da desorientação secreta do princípio inteligente.

Para Montesquieu (1689-1755) o riso nasce da mistura do engano da razão, denominado orgulho, com um sentimento de prazer, ou seja, nasce de uma conciliação entre loucura e alegria. Seu percurso consiste no amor-próprio responsável pelo julgamento de nós mesmos, o que constrange o nosso orgulho, tornando-se amarras à expansão de liberdades, mas que tão logo é atizado pela alegria que desequilibra a razão culminando no riso. Todos nascemos com orgulho e essa paixão é antes uma doença da razão, portanto independe do desenvolvimento perfeito da inteligência para se manifestar. Sua supremacia é maior quanto menos uso da razão for feito. Para Montesquieu os objetos do riso têm uma inferioridade aparente em relação a nós, o que faz gerar uma comparação orgulhosa e involuntária (Alberti, 1999, p. 150-152).

Em Hobbes (1966 *apud* Alberti, 1999, p. 153) e nos três discursos do tratado do riso, a emoção ou o fundamento ético do riso são reconhecidos com base naquilo que se aplica exclusivamente ao ser humano, seja a ideia de integridade ou de autoridade que sustenta a sua essência social e política, seja a razão, ou até

mesmo o breve e transitório julgamento manifestado no riso.

Para esses escritores, a permissão ética do riso é normatizada previamente através de uma ordem política, religiosa e social. Sua autenticidade está ligada aos costumes de uma nação, acessível aos homens sensatos que não riem das fraquezas alheias ou só riem quando o riso é útil e imprescindível para corrigir nos paradigmas da “natureza” e da “verdade” (Alberti, 1999, p. 154).

O cômico foi apresentando diferentes interpretações e significados no decorrer da história, mas foi com o advento da sociedade burguesa que passou a ser fruto da superficialidade. Sua definição legítima está associada ao desenvolvimento da organização social e política, proposição análoga ao ponto de vista de Shaftesbury (1964 *apud* Alberti, 1999), na qual a relação entre riso e pensamento já sobressaía, mas para denunciar a falsidade, entre o “ridículo” e a “verdade”, havia uma relação de exclusão.

3.4 Pensamentos de estudiosos mais atuais sobre o Riso

Desde a antiguidade o riso é tomado como objeto do pensamento e situa-se numa zona interdisciplinar. Quando o seu estudo se torna uma reflexão sobre a linguagem, ele se aproxima da literatura. Ao considerar as formas de pensar o riso, vai ao encontro da filosofia, fazendo-se representar por autores, estudiosos sobre o assunto, e ao ser direcionado à perspectiva da investigação, é abarcado pela história e pela antropologia (Alberti, 1999, p. 7).

Sob a investigação no campo das ciências humanas e sociais, o riso é concebido da forma como a sociedade e a linguagem o são. Se ambas implicam em um sistema com normas, o seu lugar (do riso) geralmente é o da desordem, da transgressão, que de maneira geral é socialmente consentida, dentro de certos limites, ou seja, antropologicamente falando, o riso é culturalmente marcado (Alberti, 1999, p. 30) e a transgressão torna-se também uma norma, já que, sujeita a regras locais e temporais. Mesmo assim, a disposição do riso ao lado da desordem outorga-lhe um valor de liberdade.

Franz Jahn (1904 *apud* Alberti, 1999, p. 36) apresenta o riso marcado por teorias evolucionistas; na Antiguidade; simples, primitivas; na sequência; um pouco mais elaboradas e adequadas à essência do riso até alcançar a quase excelência no começo do século XX.

Retornar às teorias do riso faz com que evitemos créditos exclusivos, ignorando tradições teóricas, onde são encontradas muitas das premissas que conduzem o pensamento sobre o riso nos nossos dias. O riso, como forma de libertar o pensamento está profundamente ligado à filosofia. Um importante representante dessa ideia é o filósofo alemão Joachim Ritter (1903-1974). Ele argumenta que o riso só pode ser entendido quando está relacionado ao que consideramos engraçado, o que depende da maneira como a pessoa que ri percebe a sua própria existência, o que define como *Daseinssinn*. Para Ritter, o conceito de *Dasein* refere-se ao ser que está fora das normas estabelecidas, sem deixar de existir. O *Dasein* exporia o desvio, o não-convencional, o diferente, o oposto, enfim, o indizível que faz parte da existência (Alberti, 1999, p.11-12).

Nesta mesma perspectiva, Georges Bataille (1897-1962), escritor francês, no elo entre riso e sua filosofia, entende o primeiro, como “revelação” que transcende o conhecimento, o saber e se equipara com a filosofia do não-saber, desligada de toda convicção e suposição (Ekman, 1999, p. 13-14). Sua experiência do riso é bastante comum à de Nietzsche (1844-1900), filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX, este que apregoa a necessidade do riso à preservação da espécie e que tem dentre as suas proposições: “E que seja tida por nós como falsa toda verdade que não acolheu nenhuma gargalhada” (Alberti, 1999, p. 15), o valor maior do ponto de vista da verdade filosófica, a libertação para o pensamento preso nos limites do sério. Os três estudiosos mencionados conferem ao riso a persistência filosófica em atingir o “impensável”, uma inclinação do pensamento moderno.

Além desses, podemos citar outros estudiosos que falam sobre o riso e suas teorias. São eles:

Foucault (1926-1984), filósofo, professor, psicólogo e escritor francês- para ele o riso é provocado por um “não lugar”, ou seja, por um lugar onde as palavras não significam as coisas e “jogam” como num jogo de infância. Pela sua falta de sentido, esse “não lugar”, torna-se um espaço inacessível ao pensamento, culminando no riso proveniente da “impossibilidade clara de pensar aquilo” (Alberti, 1999, p. 19).

Para Freud (1856-1939), criador da psicanálise, esse mesmo riso tem razões psíquicas, é a manifestação de um prazer que vem à tona após ter sido renunciado por imposição de um sentido, pela razão, e que ainda que esteja em um “não lugar” do pensamento, precisa ser investigado em sua relação com o

inconsciente. Partindo do pressuposto de que o processo de formação do chiste (piada ou comentário engraçado para provocar o riso, proveniente de uma quebra de expectativa) é similar ao do sonho e que este é sempre um desejo que serve à redução do desprazer, o chiste é um jogo que serve para o alcance do prazer, objetivos da constituição psíquica do homem, segundo Freud. Ele ainda faz menção ao cômico e ao humor, localizados no pré-consciente, mas que também têm o mesmo objetivo de recuperar o prazer tolhido pela crítica (Alberti, 1999, p. 19-20). A investigação do inconsciente através da psicanálise revela os desejos reprimidos de outrora, assim como a análise de discurso revela que os discursos sociais contêm elementos de repressão e ideologia.

Odo Marquard (1928-2015), filósofo alemão, acrescenta que, em consequência da crítica, o riso emigra para o estágio seguinte (na história ocidental - a realidade, a arte, o cômico e a filosofia, respectivamente), encaminhando-se para a última etapa, exatamente a não dominada pelo sério, a filosofia, na qual o riso se mostra como a salvação das amarras dos limites da razão (Alberti, 1999).

John Morreall, nascido em 01/02/1947, doutor em Filosofia e professor emérito de Estudos Religiosos no *College of William and Mary em Williamsburg, Virgínia*; equipara o entendimento do riso ao entendimento da “nossa humanidade” e o divide em resultante e não resultante de situações cômicas, além de reduzir toda sua produção teórica às três seguintes teorias tradicionais: a da superioridade (riso-fruto de um sentimento de superioridade em relação ao seu objeto); da incongruência (riso- reação intelectual a algo inesperado e não- lógico) e a do alívio (riso-liberação de energia nervosa) (Alberti, 1999, p. 26-27). Pela limitação das três teorias aludidas, Morreall cria a sua própria teoria, um apanhado das três, segundo a qual, o “riso resulta de um novo estado psicológico prazeroso” (Alberti, 1999, p. 27).

Ainda na busca da essência do riso e do cômico no século XX, mais precisamente nos anos 80, temos Jean Cohen, que os sintetiza como a junção de duas significações opostas, o sério dos valores e a liberdade promovida pelo cômico, ambos coexistem e se neutralizam (Alberti, 1999, p. 28). Luiz Felipe Baêta Neves (1979) também opõe o riso e o cômico à ideologia da seriedade e ao fazê-lo ratifica a concepção histórica que enxerga no riso uma ferramenta de resistência, um mecanismo de crítica e de introdução de novas formas de pensar e de se relacionar com o mundo, visão já presente no pensamento ocidental desde Platão e Aristóteles, quando a desconfiança referente ao riso já dava sinais, na medida em que era

considerado irracional e impulsivo, oposto à razão e a seriedade, essenciais ao controle social e ao comportamento ético. Neves (1979 *apud* Alberti, 1999, p. 31) defende o valor investigativo do cômico, propondo que a comicidade seja reconhecida como uma forma particular de compreensão social e de leitura crítica das opressões.

Leandro Konder (1936- 2014), filósofo marxista brasileiro², destaca o humor como força emancipadora e libertadora, capaz de produzir o novo (Alberti, 1999, p. 31). Esse potencial transformador do riso é associado ao mundo da arte, como alternativa para mostrar outras possibilidades que rompem com sistemas de sentido fechado (Rainer Warning, 1975, *apud* Alberti, 1999, p. 31).

Em 1941, Helmuth Plessner, antropólogo alemão, define o riso como expressão restrita do corpo perante a impossibilidade de resposta, visto a razão e o entendimento não terem conseguido responder. Essa visão já estava presente em Kant (1790) (Alberti, 1999, p. 30).

Partindo de análises de Erving Goffman (1974), as atividades que levam ao riso são as experiências humanas não sérias e “não reais” do jogo e da fantasia. O riso surge aí, pois esses momentos suspendem as normas sociais e permitem uma desconexão temporária com o que é considerado sério. Essa perspectiva remete a Gregory Bateson (1955) que vê o jogo como lugar onde a seriedade é repensada, possibilitando interpretações lúdicas das interações sociais (Alberti, 1999, p. 32).

Chaim Perelman (s.d. *apud* Alberti, 1999, p. 33) situa o riso na contraposição entre norma e desvio, enfatizando a oposição entre o sério, o correto, o categórico da linguagem e o seu uso abusivo, legitimado pelo riso. A passagem do primeiro para o segundo seria o descumprimento dos limites do uso “normal e sério” da linguagem, do discurso (narrativa normal, séria, correta) para o seu lado patológico, uma alusão ao doentio, ao anormal. Ele ainda reforça que esse cômico indica a necessidade da permanência no caminho do preciso e do formal, a fim de evitar a repetição de circunstâncias que encaminhem para o riso. É como se o cômico atuasse como um alerta, lembrando-nos de que, para evitar o riso, devemos seguir regras estabelecidas.

Assim, o riso cumpriria um papel social disciplinador, além de denunciar a fragilidade e artificialidade dessas normas, visto os desvios revelados. Nessa mesma linha de pensamento, Lucie Olbrechts-Tyteca (1974 *apud* Alberti, 1999, p. 33) acaba

² LEITE (1999). Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1999/05/01/leandro-konder/>. Acesso em: 26 set. 2024.

direcionando o seu estudo distorcidamente, valorizando o caráter não normativo da linguagem, situação muito comum hoje, em que o riso adquire um caráter instrumental para validar práticas não- normativas, sendo usado para destacar aspectos que não seguem as normas, mostrando que regras estão sendo quebradas, e ao mesmo tempo, sendo usado para justificar ou valorizar práticas que não são consideradas normais, o que reflete na argumentação e retórica, quando alguém diz uma coisa, mas na verdade, está tentando defender outra, usando o humor para disfarçar.

Alberti (1999, p.160) também cita Kant (1790), Jean Paul (1804-1812) e Schopenhauer (1818-1844), cujas teorias são bem próximas dos pensamentos sobre o riso, que circulam nos textos do século XX. Nelas, o pensamento sobre o riso está associado ao pensamento sobre o pensamento (Alberti, 1999, p. 161), uma perspectiva originária da defesa de Flögel (1976) pelo prazer cômico derivado do alargamento do conhecimento, fundamento do riso, reconhecido no final do século XIX (Alberti, 1999, p.160). Vale destacar que Flögel (1976), assim como Hutcheson (1971), exclui do risível objetos cuja perfeição os torna incompatíveis com o contraste e, por tabela, com o ridículo, como por exemplo: Deus, religião, verdade e virtude, o que faz lembrar Shaftesbury (1964).

Jean Paul (1905-1980), segundo Alberti (1999, p. 166-167), para formular a sua teoria, recorre ao recurso argumentativo-político, depreciando conceitos anteriores sobre o riso, para exaltar a originalidade de suas concepções. Segundo ele, algo só é cômico quando desperta o riso no observador, o poder do riso está em quem ri, e o seu prazer cômico está atrelado à liberdade de entendimento, a um não ou mínimo entendimento desenvolvido de forma lúdica, originário da fantasia do sujeito e de seu auto- engano. Imputa ao não- entendimento a matriz do cômico, posição similar à, de Kant, que liga o advento do riso à incapacidade de pensar, ao grau zero de entendimento. Paul conclui que o risível é infinitamente pequeno comparado ao sublime que é infinitamente grande e que promove admiração (Alberti, 1999, p. 166-167). Sua ideia de liberdade no processo de compreensão tem o poder de gerar um estilo de pensamento que transcende o pensamento tradicional, "sério". Por isso, é mais autêntico e é essa capacidade criativa que embasa o prazer do risível, originado do caos essencial que só pode ser alcançado através da liberdade (Alberti, 1999, p. 172).

Cabe esclarecer que, enquanto o cômico representa a falta de compreensão sem fim, a satisfação do cômico parece decorrer de uma compreensão

sem limites, afastando-se, conforme Alberti (1999, p. 171), do riso de Kant, para quem do vazio não poderia haver ampliação no entendimento.

Schopenhauer (1788-1860) filósofo alemão, comenta que o riso resulta da contradição entre o pensado e a realidade objetiva e é em geral prazeroso porque há satisfação em perceber a incongruência, além de ser a expressão desta. Define o sério (congruência do pensamento com a realidade) como o contrário do riso, que quanto mais perfeitamente congruente pareça, mais fácil de ser anulado por uma incongruência imprevisível, desembocando no riso, que é resultado então, do insucesso da razão em apreender a realidade. (Alberti, 1999, p. 174-176).

3.5 A Mecânica do Riso, como ele acontece

Desde bebês rimos para os outros, ainda que inicialmente sem a consciência do ato, e criamos vínculos emocionais recíprocos de trocas de risos e amor, um estímulo para a intensificação do riso, que se perpetua e é reabastecido dia a dia (Barros, 2022, p. 185).

Rir envolve movimentos corporais internos e externos, que sob a perspectiva discursiva de Orlandi (2009) podem ser entendidos como exteriorização de significados que não se restringem ao verbal. O corpo, na análise de discurso, é visto como parte do sujeito discursivo, manifestando muitas vezes o que as palavras não conseguem expressar.

Assim, o riso em toda sua dinâmica corporal pode revelar contradições, tensões e deslocamentos de sentido no discurso, evidenciando a sua materialidade. Ele mostra como o sujeito, enquanto atravessado por discursos e por sua historicidade, é capaz de burlar normas e romper com o estabelecido ou primar pelas formações discursivas que dialogam entre si. Ele expõe a heterogeneidade do discurso, onde múltiplos sentidos se cruzam e entram em conflito.

Sob o ponto de vista científico, o engraçado que desencadeia o riso acontece quando alguém com um cérebro capta a motivação, a identifica como uma incongruência ou violação de expectativa, responde emocionalmente a esse reconhecimento do que não era tão grave assim, fato gerador do alívio da tensão e, finalmente, sorri (Barros, 2022, p. 75-76). Regiões diversas do cérebro participam desse trajeto concatenado e preciso, sendo as áreas relacionadas à linguagem as primeiras a atuarem, investigando os sinais coerentes com o estímulo expresso. O

hemisfério esquerdo organiza o que captamos e, quando surge algo inusitado que nega as expectativas, o hemisfério direito entra em ação para viabilizar a “mudança de paradigma” (Ramachandran s.d. *apud* Barros, 2022, p. 76).

Uma vez que a compreensão é efetivada nas regiões corticais do cérebro, camada mais externa conhecida como massa cinzenta; se houver graça, áreas cerebrais mais profundas, ligadas ao julgamento emocional e inconsciente serão ativadas, para avaliar a capacidade ameaçadora *versus* a segurança (benignidade) da violação. Findada essa etapa com sucesso, ou seja, descaracterizada de ofensa, as duas regiões mandam sinais de ativação para o “centro de coordenação do riso”, localizado entre o cérebro e a medula espinhal, que aciona o movimento do diafragma, combinando respiração, expressão fisionômica e o som da risada (Barros, 2022, p. 76-77).

É assim que surge a risada emocional genuína, o riso de Duchenne, cujos circuitos neuronais diferem dos responsáveis pelo riso não Duchenne (riso falso). Neste, o circuito é voluntário e o córtex motor manda fazer movimentos associados à risada. As risadas verdadeiras ou falsas apresentam diferenças visuais e despertam reações também distintas por parte de quem as ouve, acionando o córtex auditivo de ambos os lados do cérebro e o córtex sensório-motor, se espontâneas; o que em parte explica o fato do riso ser contagioso, espelho da atividade do cérebro de outra pessoa. Já o riso forçado ativa o córtex pré-frontal, envolvido na apreciação racional de seu estímulo, mais para desvendá-lo do que para reproduzi-lo (Barros, 2022, p. 77-78).

O som emitido no riso foi objeto de investigação de Robert Provine (1943-2019), professor de psicologia e neurociência na Universidade de Maryland, trabalho trazido para os anos 90, uma gramática do riso, cuja relação com a análise de discurso pode ser observada a partir de diferentes perspectivas, principalmente quando se considera o riso não apenas como uma manifestação biológica, mas também como um fenômeno discursivo. Por mais que para Provine (2012) o riso siga uma “gramática” intrínseca, regida por padrões, sob o olhar da análise de discurso de Pêcheux (2014; 2015) e Orlandi (2001; 2009), ele não se resume a aspectos biológicos e universais, mas é compreendido como um ato discursivo e carrega, portanto; intencionalidades, ideologias e relações de poder. (Barros, 2022)

Sobre a gramática do riso de Provine (2012) podemos elucidar que nela foram analisadas a frequência e intensidade dos sons emitidos no riso, os intervalos entre uma nota (sílabas) e outra, notas cujo grau de simetria temporal é alto, ou seja,

nem espaçado demais, nem de menos, nem curto, nem longo demais (há uma limitação vocal); o que não acontece com a altura, visto ser assimétrica, caracterizada por altos e baixos (volume). As notas articuladas na risada vão decrescendo, provavelmente por conta da falta de ar que vai acontecendo no decorrer da ação. Pela emissão de sons semelhantes (vogais), é possível identificar as notas de uma dada risada e o tipo de riso produzido. Sua estrutura básica o torna inconfundível, diferente de gritos e choros de tristeza. O riso tem um ritmo natural, o que contribui para que haja somente algumas formas de rir (Funes, 2001, p. 42-43).

Sua configuração padrão produz contrações curtas, interrompidas e espasmódicas do diafragma e dos músculos do tórax, a respiração muda consideravelmente, o ar é expelindo dos pulmões em grande velocidade e engendra, pelo ar inspirado, sílabas marcadas por vogais (rá-rá-rá, hehehe) num tempo ínfimo. Essas vogais são repetidas em intervalos regulares e um pouco mais longos. Qualquer alteração, seja na duração, no intervalo ou no som, dá à risada um tom artificial. Sua propriedade estereotipada é o que faz dela uma linguagem universal. O ciclo inspiratório- expiratório provoca grandes mudanças na circunferência abdominal do corpo e a sequência rítmica e frequência desses movimentos sobrepostos ao padrão respiratório maior, determina o estilo individual de rir. Uma forte e abrupta expiração com intervalos é o principal componente do riso. (Barros, 2022, p. 38-39).

De acordo com Joubert (1973 *apud* Alberti, 1999, p. 97-98) o fundamento do riso é um misto de alegria e tristeza, num movimento alternado de dilatação e contração do coração, onde a primeira é maior, pelo fato do ato de rir conter mais alegria do que tristeza. Esse equilíbrio proporcionado pela alternância nos movimentos do coração (indistinguíveis pelos sentidos) é o que faz com que, literalmente, não morramos de rir. A intercalação entre dilatação (alegria) e contração (tristeza) é a essência da matéria do riso e origem dos seus movimentos corporais e faciais. Alberti (1999, p. 97) cita que Joubert (1973) ainda acrescenta que, a sua essência alegra o coração por ser indigna de comiseração e não provocar dor e também o entristece, por ser resultado de coisa torpe, obscena, imoral.

Estudos apontam que rimos aproximadamente cinco vezes a cada dez minutos e que os risos provêm mais frequentemente de nossas falas do que de frases engraçadas que ouvimos, além de ter a função de pontuar o final das falas (semelhante ao ponto final), não havendo emoção envolvida, o que faz desses momentos, menos acessíveis na memória. Toda essa condição também se estende

às mensagens virtuais, marcadas por *emojis*³ (por não se tratar de uma palavra da língua portuguesa, sugiro que acrescente a tradução) e por expressões do tipo “kkk”, “rs”. Os sinais presentes nas mensagens eletrônicas ganharam tanto espaço, que em 2015, o *emoji* “chorando de rir” (😂) foi escolhido a palavra do ano (qual ano?) pelo Dicionário Oxford, pois de cada cinco *emojis* usados pelas pessoas, um era ele (Barros, 2022, p. 39-42). Trata-se de símbolos (*emojis*, kkk, rs), cujo atributo principal é “fugir da palavra ou frase, escrita por extenso” (Weil, P.; Tompakow, R., 2015, s.p). A utilização desses recursos permite a adição de emoções em conversas textuais, principalmente quando apenas as palavras são insuficientes para transmitir uma mensagem. Sob essa ótica, os símbolos seriam complementos dos sentidos da fala (escrita), para melhor se fazer entender.

Cabe ainda destacar, que no riso, seja ele qual for, não apenas a expressão fisionômica traz informações para sua decodificação, mas também, toda uma postura corporal, “[...] gestos inconscientes e que [...] se relacionam com o que se passa no íntimo das pessoas” (Weil, P.; Tompakow, R., 2015, s.p), além de suas “condições de produção” (Pêcheux, 2014). Por mais que nós ocidentais estejamos mais acostumados a observar expressões na cabeça do que no resto do corpo das pessoas; diferente dos orientais, que observam o conjunto, percebendo mais a linguagem do corpo do que nós; o sorriso em sua *performance* não se limita a este órgão (Weil, P.; Tompakow, R., 2015).

Com vistas ao enunciado anterior, podemos, pela sua dimensão e alcance, pôr em evidência a teoria de percepção humana de Pierre Weil e Roland Tompakow (2015). Nela, os componentes coexistentes das mensagens do corpo sempre concordam ou discordam entre si; é possível discernir entre atitude consciente exteriorizada e consciente ou inconsciente oculta; a percepção e/ou a reação do receptor das mensagens podem ser de modo consciente e/ou inconsciente; na percepção consciente de mensagens corretamente avaliadas, a harmonia entre os seus componentes confirma a veracidade da intenção convencionalmente exteriorizada e a desarmonia revela oposição reprimida à intenção convencionalmente exteriorizada. Para tanto, há uma técnica de análise corporal empregada; no caso do

³ De acordo com Braga (2022) “a palavra “*emoji*” vem da união de “e” (絵), que significa imagem em japonês e “moji” (文字), que significa letra. Ou seja, são símbolos que representam uma ideia, palavra ou frase completa”. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/emoji/>.

sorriso; são observadas expressões, movimentos corporais (abdômen, tórax, cabeça) que estão de acordo com o ato de sua configuração básica (cantos da boca para cima, sua principal característica), representados pelo positivo (+) e os que estão em desacordo, representados pelo negativo (-). Após a computação do resultado, o tipo de sorriso é definido. Os autores se respaldam no símbolo da esfinge egípcia para a leitura do que dizem os corpos dos seus semelhantes (Weil, P.; Tompakow, R., 2015).

O método consiste numa tradição muito antiga (antiguidade egípcia e assíria) na qual a esfinge, composta por quatro partes: corpo de boi (abdômen), tórax de leão, asas de águia e cabeça de homem; além de representar uma parte física do homem, também têm sua correspondência psicológica. A parte corporal representante do boi (o abdômen) e que se refere à vida instintiva e vegetativa, quando em destaque, indica gente que gosta e fica à vontade diante de refeições fartas e boas e no plano sexual; provocação, oferecimento (Weil, P.; Tompakow, R., 2015);

A parte corporal representante do leão (tórax) e que se refere à vida emocional, centro da emoção, onde fica o coração; se expandida; indica imposição, preponderância do eu; se contraída; timidez, submissão e na posição normal; equilíbrio. Ainda observando o tórax, é possível perceber o aumento da respiração e do ritmo cardíaco, o palpitar do coração indicativo de tensão e forte emoção, bem como suspiros indicadores de ansiedade e angústia;

A águia, representada pela cabeça e que se refere a vida mental (intelectual e espiritual), indica o estado de controle do corpo pela mente; estando a cabeça erguida, revela o fortalecimento do controle mental; se estiver baixa, denota controle do indivíduo pelos estímulos externos, e na posição normal, controle normal da mente.

Aplicando a técnica à área da cabeça, temos a boca que representa o boi; o nariz, representante do leão; e os olhos, região de grande importância expressiva, espelho da mente, e portanto, representante da águia.

Ainda podemos acrescentar, se observarmos a esfinge que traz na testa uma serpente, a representação da energia, que quando intensa faz acelerar a respiração e o pulso; faz mudar a voz, o olhar, a força muscular e a tomada de direção pelas partes do corpo (Weil, P.; Tompakow, R., 2015).

São várias as expressões possíveis, incompatíveis com a limitação de algumas poucas combinações convencionais.

3.6 Benefícios do Riso

É de longa data as discussões sobre os benefícios do riso, tanto para quem sorri, como para aquele a quem é transmitido o sorriso. Com vistas a evidenciar tal proposição, cabe fundamentá-la através de alguns nomes consagrados, elencando alguns dos ganhos que a atitude traz. São vários os estudiosos que compartilham da opinião de que o sorriso ajuda a manter a saúde física, mental e espiritual, além de ser um instrumento para a cura de enfermidades. Em 1916, Freud já discorria sobre o assunto ao tratar do riso decorrente da cena cômica. No século IV a.C. Hipócrates, o Pai da Medicina, almejando recuperar os seus pacientes, os incentivava a sorrir, através de animações e brincadeiras (Lambert, 2014, p. 13).

O médico norte-americano Hunter Adams (28/05/1945), mais conhecido como Patch Adams, também faz uso medicinal do riso (risos positivos) como ferramenta terapêutica eficaz para a cura e recuperação de seus pacientes desde a década de sessenta, um tratamento hospitalar alicerçado na afetividade, principal característica da medicina humanizada, uma sementinha plantada pelo profissional e tão em voga nos dias atuais, uma inspiração às instituições médicas mundiais para a introdução da palhaçoterapia no tratamento de doenças⁴.

Aqui no Brasil, o seu trabalho faz sucesso através dos “Doutores da Alegria”, um grupo de atores que leva alegria e felicidade a pacientes mirins em hospitais. Clubes do Riso investidos em espalhar alegria e fascinados pela “Risoterapia” vêm também se formando na Índia, França, EUA e na Alemanha (Lambert, 2014, p. 14).

O efeito terapêutico do riso positivo revela espontaneidade, alegria, pureza, empatia e contágio, dando a sensação de bem-estar. São terapêuticos os risos amistosos, amigáveis, alegres, de apoio, de aprovação; os verdadeiros, educados, soltos, francos, tranquilizadores, de cumprimento, animadores, de paz, cativantes, envolventes, gostosos, descomedidos, infantis, a gargalhada (Lambert, 2014, p. 55). Em geral, quem comumente exhibe o sorriso verdadeiro é interpretado como feliz, transmite o sentimento de maior felicidade (Ekman, 2011, p. 217).

A socióloga Rose Coser descobriu o potencial terapêutico do humor em hospitais nos anos 1950, após estudos e identificou relação entre *status* profissional e frequência do riso, quanto mais alto a pessoa estivesse na hierarquia hospitalar,

⁴ BALDISSERA, Olívia. Patch Adams além do cinema: como o médico revolucionou os hospitais. Disponível em: <https://posdigital.pucpr.br/blog/patch-adams>. Acesso em 04 mar.2024.

mais piadas lançava (Barros, 2022, p. 157).

O riso é libertador, é um mecanismo para aliviar as tensões e por extensão, prevenir doenças psicossomáticas, enunciado conclusivo de Frans Alexander em 1987 (Lambert, 2014, p. 13).

Rir traz longevidade e é tão bom para o organismo quanto a prática de esportes, melhora a circulação e a pressão arterial e produz e libera endorfinas (uma versão do que os médicos usam para dores extremas, porém formada dentro do corpo), que causam sensação de bem-estar e que já estão sendo chamadas de “hormônios da alegria e da felicidade”. Quem ri fica mais bonito e jovem. O riso é um poderoso antídoto no tratamento do estresse, capaz de desviar nossa atenção da tristeza e direcioná-la à alegria presente na experiência, paralelamente à nossa dor. Ele faz aumentar a imunidade, denota paz, contagia e torna as pessoas mais leves, dinâmicas e versáteis (Lambert, 2014).

Retomando a produção de endorfina pela prática do riso, é mister acrescentar que esta tem também uma vantagem sobre os medicamentos utilizados pelos médicos para dores extremas, pois por mais que eles reduzam a dor, são ligados à supressão da respiração e aos batimentos cardíacos e a depender da quantidade ministrada, podem ser fatais. A endorfina ainda age, como mediadora das emoções (Funes, 2001, p. 47).

O riso pode ser a ponte que nos leva momentânea e suficientemente para fora dos problemas, tornando-os suportáveis, além de administráveis de forma mais saudável. A sua manifestação indica controle cognitivo, no sentido da escolha emocional de como encarar eventos do mundo exterior através do desvio de foco, como dizia Bill Cosby (s.d. *apud* Funes, 2001, p. 56): “Se você puder rir de uma coisa, poderá sobreviver a ela”. “O riso nos ajuda a sobreviver a situações que, de outro modo, nos matariam de dor e medo” (Funes, 2001, p. 129).

Ahmed Albasheer, jornalista e comediante sequestrado em 2005 por milícias durante a guerra do Iraque, delega a sua sobrevivência ao humor empregado, apesar das circunstâncias, o que lhe rendeu posteriormente um programa de humor com forte teor político, um dos mais influentes do mundo árabe (Barros, 2022, p. 81-82).

Para Peter L. Berger (1929-2017), sociólogo e teólogo luterano, o riso no momento de dor e sofrimento é transcendental, vai da experiência imediata para o mundo objeto da atitude religiosa refletido no “riso redentor”, este, na perspectiva da

fé, consola e é um sinal de que a salvação está por vir, traduzindo-se assim, no vislumbrar de outra realidade possível (Barros, 2022, p. 183).

A capacidade de rir do estado das coisas em condições adversas não faz de alguém, cruel para com o mundo e para com as pessoas, mas fortalece a concepção de que é possível rir mesmo diante das contradições, problemas e tragédias; como forma de superação e/ou minimização do negativo, como recurso de sobrevivência àquilo que está posto (De La Taille s.d. *apud* Barros, 2022, p. 13). O riso diminui a carga emocional, daí sua utilidade no enfrentamento de ansiedades e angústias (Barros, 2022, p. 126). Até mesmo nos campos de concentração do holocausto, o humor foi praticado como tática de sobrevivência (Barros, 2022, p. 14-15), importância que pode ser ratificada nas palavras de Paul McGhee (s.d. Barros, 2022, p. 104): “o humor ajuda a ter controle de seu estado emocional, mesmo que você esteja impotente para controlar a situação”.

Reiterando o enunciado anterior e trazendo para um tempo mais atual, podemos citar o comediante Paulo Gustavo, vítima da covid-19, que à época da pandemia defendia o humor como fundamental para o período, e sua frase emblemática era: “Rir é um ato de resistência” (Barros, 2022, p. 18).

Até a viuvez é melhor administrada quando se é capaz de dar risos emocionais, verdadeiros, risos de Duchenne, o que faz diminuir os sentimentos de raiva e de angústia e faz despertar emoções positivas, primordiais para a manutenção de melhores relacionamentos com outras pessoas, o que ficou comprovado mediante estudos de George Bonanno, professor de Psicologia da Universidade de Columbia, em Nova York, e seu colega Dacher Keltner, da Universidade da Califórnia em Berkeley (Barros, 2022, p. 184). Uma pessoa que fala sobre a morte recente do parceiro e que consegue sorrir contraindo o músculo ao redor dos olhos, tem a redução do luto após dois anos (Ekman, 2011, p. 216).

A troca de risadas proporciona a interação entre pessoas, a transição para além de uma ligação meramente superficial; favorece a “sensação de pertencimento e conexão” (Steven Johnson 2008, *apud* Barros, 2022, p. 104); as lágrimas e a boca passam a ter mais imunoglobulinas (anticorpos contra certas infecções virais e bacterianas) depois do riso, cuja produção é proporcional a sua intensidade; a tensão muscular também é reduzida após o ato; após uma boa gargalhada, o corpo é totalmente oxigenado; o riso tem efeito anti-inflamatório e anestésico e ajuda a suavizar as dores nas articulações; ele auxilia no desenvolvimento da inteligência

emocional e aumenta a nossa consciência sensorial; favorece a perda geral do controle muscular; além de ser sinônimo de criatividade (Funes, 2001), também faz diminuir o nível de cortisol, hormônio liberado em condições tensas (Barros, 2022, p. 103). Nesse sentido Arthur Koestler (1964) foi um dos primeiros psicólogos a associar o riso à criatividade, ponte para a criação. (Funes, 2001, p. 167). Como dizia o escritor Paul Valéry (s.d *apud* Barros, 2022, p. 151): “Um homem sério tem poucas ideias. Um homem de ideias nunca é sério”.

À medida que incluímos os mais variados tipos de risos e aumentamos suas frequências em nossas vidas, aprendemos uma nova linguagem do pensamento, e esta nos auxilia a conceber uma visão global das pessoas como pensantes e integra o pensamento racional com a compreensão do inconsciente e a inteligência emocional (Funes, 2001, p.31).

O riso não pode acontecer indiscriminadamente, temos um conjunto de regras implícitas que norteiam suas várias manifestações em ocasiões diversas. Essas regras são externas ao indivíduo, mas por ele são internalizadas e inconscientemente cumpridas. Um grupo maior define se o riso é permitido, quais os apropriados e os inapropriados em determinada situação, quando e onde podem ser empregados, porém, essas regras são conflitantes e variam no tempo e no espaço de uma cultura para outra.

Não é de hoje a tentativa de controlar o riso, Platão já nos alertava sobre isso e dizia que o riso reduzia o caráter e atrapalhava a mente. Hitler também condenava o riso, mantendo “Cortes de Julgamento de Piadas” para punir (atitude típica de governos totalitários) quem ousasse, por exemplo, dar o seu nome a seus cães. Diante do enunciado anterior, fica nítida a forte conexão existente entre riso e a liberdade de pensamento e de expressão (Funes, 2001).

A aceitação cega dessas imposições sociais avessas ao riso e que vêm em forma de narrativas, conceituando o ato de rir muitas vezes como sinônimo de fraqueza, corrupção, loucura, dentre outros; contribui negativamente para a saúde física e mental (Funes, 2001, p. 32-33).

Erasmus (1466- 1536), teólogo, escritor e filósofo, maior vulto do humanismo cristão, associava o riso à loucura e afirmava que nenhuma sociedade ou união de vida poderia ser prazerosa e duradoura sem ela, um dos atributos da felicidade. Quem ri é menos autoelogioso e mais sensato em suas considerações sobre o mundo, consegue ser mais humilde nas conquistas e ficar menos abalado em momentos

desafiadores (Funes, 2001, p. 35). O humor nos torna humildes. Pessoas que se levam muito a sério, relutam em escutar a voz do outro, porque são cheias de si. O riso é um escudo que nos protege dessa prepotência desenfreada, de qualquer ilusão ou fanatismo, como dizia Comte-Sponville (s.d. *apud* Barros, 2022, p. 180): “Não ter humor é não ter humildade, é não ter lucidez, é não ter leveza, é ser demasiado cheio de si”. A risada franca desestabiliza o fanatismo, porque vai contra a uniformidade, considerando a existência de alternativas.

“O riso nos livra do vazio, por um lado, e do pessimismo, por outro, mantendo-nos maiores do que aquilo que fazemos e maiores do que o que pode acontecer” (A. Penjon s.d. *apud* Funes, 2001, p. 35).

A risada intensa serve para modular componentes específicos do sistema imunológico, algo assim como o maestro de uma orquestra. O maestro tem a opção de aumentar o ritmo e o volume, para a música ficar mais forte, rápida e menos harmoniosa. Incorporando a metáfora da risada intensa, porém, o maestro pode acalmar o ritmo, aumentar a integração sonora e garantir um desempenho melodioso (Lee Berk, s.d. *apud* Funes, 2001, p. 55).

O sorriso também é uma poderosa arma para seduzir e um indício de que o outro está envolvido, ou seja, é importante no jogo da conquista (Barros, 2022, p. 155-156). Todo mundo gosta de rir com o seu parceiro, risos e bom humor são características atrativas para aquele que procura um relacionamento e a mulher valoriza ordinalmente mais esse quesito, importante também para a manutenção da relação (Barros, 2022, p. 160).

Em contrapartida, o uso do riso, do humor, pode reduzir a sensação de gravidade do problema, tornando-o banal a ponto de retardar e ou impedir a reação efetiva e desejável do outro. (Barros, 2022, p. 127).

O humor numa democracia de alguma forma referencia a percepção das pessoas, indica como as coisas estão. As lideranças políticas quanto mais tolerantes ao humor, mais distantes e menos afeiçoadas a ditadores e ao autoritarismo e vice-versa (Barros, 2022, p. 168). Rir e fazer rir pode significar criticar, uma crítica agressiva, mas não muito; amarga, mas lúdica, entendimento próprio da violação benigna (Barros, 2022, p. 171). Já o humor discriminatório só faz reforçar a sensação de que o preconceito é normal e não tão negativo (Barros, 2022, p.172).

“[...] o riso aproxima quem ri conosco, mas exclui - e fere - as pessoas de quem rimos” (Barros, 2022, p. 164). “A risada compartilhada é uma maneira de unir o

grupo, e ficar de fora dele pode ser tão doloroso quanto a dor física” (Barros, 2022, p. 175).

Podemos citar ainda a noção popular de que a alegria facilita a digestão, fisiologicamente explicada por Spencer (1860 *apud* Alberti, 1999, p. 179), ao afirmar que no riso também são estimulados órgãos internos.

“Na educação, [...] rir pode tornar as aulas memoráveis” (Barros, 2022, p. 21). O riso precisa ser assumido como estímulo à aprendizagem, um artifício para o enfrentamento de qualquer experiência nova, pois é essencial para criar o estado de aprendizado correto, envolvendo as emoções de um modo positivo. Mente e corpo integrados fazem aprender mais (Funes, 2001, p. 132-133).

O riso também pode representar reação de defesa, reflexo de proteção. Entre os primatas, a expressão original de puxar os cantos da boca para trás se tornou sinal de submissão, uma “mistura de medo e desejo de aceitação” (Frans de Waal, 2021 *apud* Barros, 2022, p. 104), observadamente disfarçada por chimpanzés na iminência de lutar com um oponente, para não mostrar inferioridade; além de ser usado também, para acalmar outros membros do bando.

Alberti (1999) menciona Demócrito (c. 460-352 a.C.), filósofo pré-socrático, considerado o filósofo sorridente, tido como louco pelos seus conterrâneos, por causa do seu riso desmedido tanto para o bem como para o mal, porém, o riso comum à loucura, também o era à sabedoria. De acordo com Alberti (1999, p. 76-77), Demócrito ria do descontentamento do homem, do caráter ilimitado de suas paixões, insatisfeito simplesmente em levar uma vida tranquila, compatível consigo e com as benesses da natureza; ria de sua falta de equilíbrio diante de valores passageiros, o que o tornava sábio, superando os homens e os animais e conclamando os primeiros à sensatez. Seu riso refletia o desinteresse pelas coisas da vida, requisito para a sabedoria mais profunda, e estava ligado a concepção de saúde e cura, aparecendo como remédio para todos os males, inclusive para a loucura.

3.7 Várias versões do Riso

Apesar do riso ter conotação positiva, há momentos em que ele é esboçado e traz informações negativas, basta prestar atenção nas marcas de expressão do riso formadas e nas suas condições de produção. Para rirmos faz-se necessário, por precaução, sondar o ambiente, nos assegurarmos de que o momento é propício para

o ato, até para não passarmos uma imagem destorcida, de promiscuidade, indiferença, provocação, deboche, invasão de privacidade ou até de uma atitude ridícula.

O sorriso tem graduações, sendo este, uma forma mais suave da risada aberta; e a gargalhada, descomedida. Não é raro um nível suceder o outro, ocorrendo numa sequência, como em degraus, em escala de intensidade (Barros, 2022, p. 36). Outra condição que diferencia o sorriso do riso é que o primeiro é expresso pelo homem que tem sob a ação um certo controle e o riso o vitimiza, ao exhibir o seu espírito, é uma reação involuntária (Helmuth Plessner, s.d. *apud* Barros, 2022, p. 36).

Rir é bom, mas em excesso pode não ser. Devemos acender o riso natural em nossas vidas, em vez de produzir situações forçadas para despertá-lo, e achar o lugar interior do riso em nós diariamente, tamanha as suas prerrogativas. (Funes, 2001, p. 48-49).

O riso possui também um lado sombrio gerado às custas de si para provocar a risada no outro ou às custas deste outro, riso este sem permissão e muitas vezes sem piedade (Funes, 2001, p. 88). Compreendendo os lados bom e mau de nossa natureza, é encarado como um fenômeno “humano” e sua abordagem científica é coisa séria (Alberti, 1999, p. 29).

Os nomes dos vários tipos de sorrisos podem variar de autor para autor, há quem se utilize de termos mais técnicos, de uma linguagem mais rebuscada para classificá-los e caracterizá-los; outros apresentam uma classificação mais sucinta, englobando mais características num mesmo tipo de riso; outros ainda; esmiúçam cada um, ampliando as divisões e distribuindo as particularidades.

Sob a visão de Lambert (2014) podemos classificar sorrisos e risos da seguinte forma:

- Sorriso amarelo: usado para disfarçar sentimentos negativos e exprimir fragilidade. Esse sorriso é muito utilizado por orientais, pelo fato de transmitir discrição, reserva;
- Sorriso de boca fechada: é característico de indivíduos que têm controle sobre o que dizem;
- Sorriso de cumprimento: O gesto de cumprimento inclui um sorriso acompanhado de um movimento de cabeça e um leve levantar das sobrancelhas;
- Sorriso de desaprovação: vem seguido por um balançar de cabeça, indicando

negação;

- Sorriso falso: Normalmente, o sorriso falso é breve e não tem a capacidade de criar rugas ao redor dos olhos. Mantém uma aparência irregular, assimétrica, enquanto mantém o resto do rosto imóvel;
- Sorriso de flerte: é o sorriso conquistador e vem acompanhado de um breve levantar das sobrancelhas;
- Sorriso forçado: é o típico sorriso para fotografia;
- Sorriso tipo he, he, he: próprio de pessoas melancólicas, tristonhas, desanimadas, deprimidas;
- Sorriso tipo hu, hu, hu: frequentemente é o sorriso dos antissociais, retraídos, fechados, tímidos;
- Sorriso de lado: é um sorriso falso, disfarçado, para que o outro não note;
- Sorriso/ riso solto: a pessoa “chora” de tanto rir, chega a doer a barriga e até urinar nas calças;
- Sorriso político: sorriso de quem mostra os dentes com ar de propositura e o faz de maneira indiscriminatória;
- Sorriso rápido: típico de pessoas egocêntricas, negativas ou retraída;
- Sorriso ruidoso: é um sorriso ruborizado, barulhento, indicativo de falta de educação e de bons modos;
- Sorriso solitário: é aquele que surge quando ninguém ri da piada, da brincadeira;
- Sorriso de apoio: comum em ocasiões de grande merecimento, ele vem acompanhado de um movimento de afirmação com a cabeça e sugere credibilidade e incentivo;
- Sorriso alegre: provoca a elevação dos cantos da boca e das bochechas, além dos olhos entreabertos. Pode despertar a alegria, contagiando;
- Sorriso amigo: benéfico nas angústias, confortador e útil para melhorar o ânimo. Pode ser acompanhado de tapinhas nas costas e do balançar dos ombros;
- Sorriso aberto (tipo ha! ha! há!): em geral é característico de pessoas alto astral, extrovertidas, fiéis e amigas; tem o poder de conquistar corações, promover a amizade e a afinidade;
- Sorriso animador: benéfico para momentos de desânimo ou necessidade de despertar em nós ou nos outros o desejo e a alegria de viver;
- Sorriso relaxante: atribuído a pessoas tranquilas, portanto calmo e suave, por

consequente, inspira calma e sociabilidade;

- Sorriso verdadeiro: É demorado, simétrico, causa rugas e reflete transparência e credibilidade, o sorriso Duchenne;
- Sorriso cordial: suscita gentileza e exprime boa educação, um levantar de sobrancelhas o acompanha;
- Sorriso discreto: denota seriedade e elegância, característico de pessoas finas;
- Sorriso quebra-gelo: capaz de romper barreiras, acabar com o silêncio, superar desafios, iniciar conversas e fomentar a interação entre indivíduos;
- Sorriso largo: peculiar a pessoas receptivas, acolhedoras, indica generosidade e lealdade;
- Riso ousado: é o riso destemido, arrogante, atrevido, próprio dos corajosos;
- Riso constante: próprio de pessoas que vivem de bom humor, contentes, exalando satisfação e otimismo;
- Riso infantil: quando proveniente de um adulto, exterioriza a criança que há em nós;
- Riso contagiante ou vibrante: é estimulador, faz o outro querer rir também, seu efeito sonoro se propaga e todos podem dar boas gargalhadas.

De acordo com Funes (2001, p. 39), também podemos classificar o riso como reflexo, consequência de cócegas, por exemplo.

Com vistas a significar o riso no tempo e no espaço e individualizá-lo, no que se concerne aos estudiosos do tema e ampliar o leque de possibilidades de análise na identificação de um dado riso, citemos mais algumas de suas classificações e características, apresentadas por Alberti (1999), ainda que toda a dissertação esteja recheada delas.

- Riso exterminador - Em 1971, Clément Rosset (1939-2018), filósofo e escritor francês, o definiu como a vitória do caos sobre a aparência da ordem, onde há a passagem do ser para o não-ser numa situação de acaso. É o saber rir do trágico mesmo diante da compaixão que ele possa provocar, definição inexistente até fins do século XVIII, quando o objeto do riso era reconhecido como contrário ao trágico (Alberti, 1999, p. 21-22). Vale incluir o ponto de vista de Bataille sobre esse riso: “Quando você ri, você se percebe cúmplice de uma

destruição daquilo que você é, você se confunde com esse vento de vida destruidora que conduz tudo sem compaixão até seu fim” (Alberti, 1999, p. 22).

- Riso clássico - Se situa no âmbito do sentido, seu efeito cômico vem do contraste entre o sentido e a incoerência. Pressupõe o pensável e a preexistência de uma positividade do sentido e ri do impensável (Rosset *apud* Alberti, 1999, p.21).
- Riso de acolhimento e riso de exclusão (desenvolvido por Eugène Dupréel em 1949) - “fenômeno integral do riso, enquanto síntese de alegria e de maldade” (Dupréel, 1949 *apud* Alberti, 1999, p. 28). Dentro de um dado momento o riso se manifesta como sinônimo de alegria, mas também de maldade.

Vale destacar que todo o risível é legítimo num discurso, desde que ajustado às pessoas, às circunstâncias (ou coisas) e ao tempo, porque nem toda ocasião é propícia a sua ocorrência, premissa adotada por Leeman, Pinkster e Rabbie, de acordo com Alberti (1999. p. 58).

3.8 Afinal, por que Rimos?

O riso libera emoções, e não apenas emoções positivas, mas também, negativas; como o medo, a raiva, o nervosismo (Funes, 2001, p. 100).

Muitas coisas nos fazem rir e são várias as teorias que tentam responder a essa pergunta. Partindo dos escritos de Barros (2022) e Funes (2001), podemos dividi-las em categorias, como:

- Teoria de superioridade- Durante séculos foi uma das mais importantes teorias do humor (Barros, 2022, p. 54). De autoria de Thomas Hobbes (1588-1679), sua premissa é sustentada pela ótica de que o riso tem origem no sentimento de superioridade com relação àquele ou àquilo de que se ri. A revelação do defeito alheio, problema que não enxergamos em nós, nos faria dignos da honra do riso, da personificação da superioridade, mesmo que pela inferioridade do outro (Thomas Hobbes *apud* Barros, 2022, p. 56). A teoria envolve segundo Alexander Bain (1818- 1903), a depreciação. Para Henri Bergson (1859-1941) a adaptabilidade é a sua principal característica, o que define o riso como defesa da sociedade contra os que optam por não se

adequar a suas determinações (Funes, 2001, p. 59-60).

Francis Hutcheson (1694-1746), teólogo e filósofo, contesta a teoria de superioridade no despertar do riso, alegando que rimos mais quando vemos um animal agindo como um humano do que quando age como um animal e que pessoas doentes e hospitalizadas, portanto numa condição de saúde inferior, não são motivo para o riso em pessoas saudáveis, o que faz inferir que a superioridade não é engraçada por si só (Barros, 2022, p. 57).

- Teoria da incongruência- Há escritores de humor que negam a concepção de que no riso sempre há uma depreciação e afirmam que a incongruência é a origem principal de todo riso. A incongruência é reiteradamente associada à “expectativa frustrada”, definição de Immanuel Kant (1724-1804), na qual uma expectativa forçada é transformada abruptadamente em nada. Herbert Spencer e Alexander Bain creem que ela compreende uma diferença entre algo dignificado e algo insignificante ou imagem negativa. Assim, conforme essa teoria, o riso surge da descoberta do impróprio dentro do próprio, do contraste, dos paradoxos, das conexões inesperadas, de dois contextos contraditórios, como o riso e a dor (Funes, 2001, p. 61). As teorias de incongruência têm maior êxito onde as teorias da superioridade têm menos êxito e vice-versa (Funes, 2001, p. 76-77).
- Teoria do alívio- Fez sucesso no século XIX. Nesta, o riso associa-se ao alívio e emerge como instrumento de libertação das amarras das convenções sociais e de suas pressões, como possibilidade de dizer o indizível, como reflexo da eliminação do estresse e como concessão de vazão daquilo que é reprimido, além de ser entendido como meio de superar o superego, nome que Sigmund Freud dá às inibições interiores que nos impossibilitam de soltarmos alguns impulsos naturais (Funes, 2001, p.62).

Barros (2022, p. 61-62) menciona que Herbert Spencer (1820-1903), filósofo interessado na biologia, no corpo, mais precisamente nos músculos para explicar o riso; sob perspectiva da teoria do alívio, o define como oriundo da cessão de tensão provocada por um estímulo, tensão esta, posteriormente revelada inútil. As emoções fomentadas em vão, o sobressalente seria descartado pelo riso, uma descarga de energia acumulada nos músculos, devido à tensão. Essa concepção teve a sua contribuição na psicanálise de Freud em que id (impulsos que ignoram regras)

e o superego (lembra e exige cumprimento de normas), ambos inconscientes e em constante conflito teriam entre eles o ego (onde fica a consciência), local de experimentação do resultado do embate entre as forças, com vistas ao alívio da repressão e ao conseqüente riso (Barros, 2022, p. 61).

Segundo Alberti (1999, p. 177), a teoria de Spencer, que também foi abraçada por Darwin, tem relação com a teoria de Kant, uma vez que explica o riso aproximando-o da incapacidade de seguir o pensamento, resultando assim, em contrações musculares. A tradição teórica que conferia a causa do riso a uma paixão parece ter sido encerrada com Spencer e Darwin.

Para Annette Goodheart (s.d.) o riso provém da dor, emoção que é liberada através do riso, atitude de indivíduo equilibrado que prima pela saúde, visão contrária a, de John Morreal, segundo a qual, riso é indício do prazer que sentimos quando liberamos um sentimento de dor (Funes, 2001, p. 64-66).

“Para rir verdadeiramente você precisa ser capaz de pegar a sua dor e brincar com ela” (Charlie Chaplin, s.d. *apud* Funes, 2001, p. 87). A brincadeira verdadeira é positiva e há muito riso do “tipo conversa” e não do “tipo humor” (Funes, 2001, p. 87).

- A teoria da excitação e o afastamento das emoções- Uma nova teoria surgida nos anos de 1960 e 1970, na qual ecoava a tese freudiana, ou teoria da excitação, de Daniel Berlyne (1924-1976), psicólogo britânico. Para este, o riso era consequência comportamental do alívio da tensão, para aquele, uma forma de liberá-la (Barros, 2022, p. 63-64).

Naquilo que tange a teoria em questão, podemos elucidar a de Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês, contemporâneo de Freud, o pai da psicanálise, ambos dedicavam tempo e espaço para o humor em seus textos filosóficos. Há quem diga que Bergson (2007) era adepto da teoria da superioridade, há quem diga que defendia a teoria da incongruência (Barros, 2022, p. 64).

Barros (2022), aponta que Bergson (2007), comunga da concepção de Aristóteles sobre o fato de acharmos algo defeituoso, engraçado, porém, não muito defeituoso e define o que seria suficientemente defeituoso para ser considerado risível e aquilo que não seria, e o faz por meio da hipótese da comicidade, que apregoa a impossibilidade da coexistência da emoção e da risada, já que o defeito grave gera

emoção e a partir do momento em que a emoção é gerada, a graça acaba. No entanto, há a possibilidade da promoção do afastamento emocional do “defeituoso”, e por conseguinte, a insensibilidade, a depender do talento do comediante.

Bergson (2007) sinaliza que a emoção espanta a risada, todavia o riso também pode espantar a emoção; trazendo implicações físicas, mentais, dentre outras. Esta estratégia arriscada e efetiva, quando funciona, pode ser usada para diminuir afetos envolvidos, a irritação, por exemplo, mas se não funcionar, dá espaço para a intensa emoção negativa, um “escudo” contra a risada (Barros, 2022). Há também o risco da inserção inapropriada do humor em um contexto que merece seriedade, tornando-o banal, como destaca Peter L. Berger (2017 *apud* Barros, 2022, p. 66).

Retornando a Bergson (Barros, 2022, p. 67), podemos acrescentar que a inclinação da vida rumo a repetições mecânicas, ou seja, a falta de adaptação e da consequente mudança exigidas pela sociedade e pela vida diante do jogo de tensões e flexibilizações existentes, um desvio ao que é dado por natureza, algo atentatório à vida social, é a real causa do riso, cuja função é consertar comportamentos descabidos.

Assim, o riso adquire uma função social, na medida em que se ri daquilo que é preciso rir a fim de recuperar o vivo (transformação de valor para o mundo, a sociedade e a conduta humana) na sociedade, pois é nela que se deve procurar o cerne do riso e do cômico (Alberti, 1999).

Para o filósofo francês Bergson a vaidade acompanhada pelo ridículo é a forma superior do cômico e faz manter os vícios. O riso, corretor dos desvios ditados pela sociedade, também humilha, daí o caráter equivocado da comicidade. Sem falar que nem sempre o cômico é sinal de defeito, pode ser virtude inflexível, preconceitos da sociedade, mas se insociável é cômico, não importa o seu caráter, se bom ou mau. Assim, a insociabilidade do personagem e a insensibilidade do espectador são condições essenciais para o despertar do riso, além do automatismo daquele, cujos gestos e palavras são involuntários e inconscientes, como num sonho, desatento à vida. O riso nesta perspectiva, tem por função intimidar humilhando, para corrigir, valendo-se do mal para fazer o bem (Bergson, 1983).

Sua teoria vai adquirindo uma configuração ambígua, à medida que aquele que não se adapta às normas e conveniências da sociedade em transformação, já não é punido pelo riso, mas distraído da vida, ri; e o absurdo passa a ser aceito como

verdade mesmo com a ciência de não o ser. A oposição primeira entre o vivo e o mecânico dá lugar à distração, chave para desvendar o cômico e o riso, cujo objeto deste, passa a ser o relaxamento e não mais o negativo. Posteriormente Bergson (1970) retorna a sua forma inicial de pensar (Alberti, 1999, p. 192).

- A teoria da violação benigna- Identificada como a soma de violação (quebra de expectativa) e normalidade- N+V, Thomas Veatch, professor de linguística na Universidade Stanford começou a desenvolvê-la no início de 1990 e a publicou em 1998, porém não era academicamente atrativa. Até que Peter McGraw, também pesquisador, a levou para o Laboratório de Pesquisas em Humor da Universidade do Colorado, em Boulder, para que fosse estudada pelo doutorando Caleb Warren, e juntos propuseram que a graça se originava de algo que parecia uma violação, algo ameaçador, errado, uma perturbação; mas aceitável e seguro (benigno), reduzindo o seu poder ofensivo. Nascia assim a teoria da violação benigna, quiçá a mais completa e aceita no momento, uma miscelânea de elementos de teorias diversas amalgamadas em uma única teoria, e publicada em 2010. Essa mistura é perceptível desde sua aparência a priori ameaçadora; porém segura, lúdica, trazendo relaxamento (teoria do alívio); notável também quando na tentativa de reduzir as emoções envolvidas, tomando distância na abordagem de temas sensíveis, a fim de que a ofensa não seja levada a sério. Em contrapartida, se não há ofensa, há necessidade do comediante aumentar a agressividade para alcançar o outro e nesse processo, incorpora oposições, contrários, diferenças; para suavizar (teoria da incongruência) e propicia a interpretação alternativa, comparações e julgamentos/avaliações (teoria da superioridade). Dessa forma, segue a sua mais nova fórmula: violação + benignidade, coexistência inesperada, surpresa (Barros, 2022).

A intensidade da violação e o quão distante ela é percebida é o que define algo como engraçado ou não (Barros, 2022, p. 71). Piadas feitas com assuntos (tragédias) recentes fazem a graça despencar, passado um tempo viram diversão, para mais tarde irem perdendo a graça, que em queda progressiva culmina em tão pouca graça como no momento da tragédia, ou seja, a percepção da violação pode sumir completamente se houver passado tempo demais, fazendo a piada perder o

sentido, sendo que a questão do tempo é relativa, pois vai depender da intensidade dos afetos envolvidos (Barros, 2022, p. 123).

3.9 Crenças que limitam e/ou bloqueiam o Riso

Primeiramente tomemos crenças no sentido de convicções, ideias ou princípios que indivíduos ou grupos têm como verdadeiros, muitas vezes inconscientemente, relacionados à maneira como veem e interpretam o mundo, influenciando comportamentos e emoções.

A risada é facilmente perceptível, mas o que a desencadeou, não. Presos a uma concepção de que tudo deve ter uma razão de ser e aprisionados num padrão limitado de pensamento, muitas vezes questionamos o porquê do riso de alguém, porém, como uma ação reflexa, com frequência ele é acionado sem a compreensão consciente (Funes, 2001, p. 24).

Precisamos identificar e rever as crenças que limitam a nossa capacidade de rir, os obstáculos no trajeto para o nosso lugar natural do riso, para assim, poder mudar e nos desvencilhar das amarras impeditivas do ato, e rir mais. Dentre os obstáculos que nos constroem a rir, elencamos os mencionados por Funes (2001) e Barros (2022):

- A proposição de que todo riso deve ter um motivo, porém este nem sempre é pontual, ainda assim, há quem pergunte sobre, afirmando não haver graça para tanto e conseqüentemente faz cessar o riso do indagado, que normalmente entra no jogo do questionador em busca de uma resposta, sendo que o final almejado já fora alcançado, fazer parar o riso (Funes, 2001, p. 123).
- Incompatibilidade entre riso e trabalho- O riso é questionado ainda, no trabalho, o que reforça a crença de que os dois são incompatíveis, ou seja, quem ri, não faz um “trabalho suficientemente sério”, não é profissional o bastante, não tem competência. Este entendimento é deturpado, pois o riso é fator motivacional da força de trabalho, indica envolvimento, presença, assim, há muito mais de nós no trabalho quando estamos rindo do que o contrário (Funes, 2001, p.124-125).
- O riso depende do outro- Há quem jogue a responsabilidade do despertar do seu riso, no outro, e delega o seu cessar também ao outro, deixando de assumir

as responsabilidades por suas ações, gerando uma dependência para fazê-lo rir. Esta só pode ser revertida quando se assume o controle da situação e as suas incumbências (Funes, 2001, p. 127).

- Riso em momentos inapropriados- Na nossa cultura, inadmissível em velório (riso e morte não combinam), por exemplo, sobretudo se o velório for de alguém próximo, bem contraditório se pensarmos que o riso tem o poder de cura e é utilizado por profissionais da saúde com doentes graves ou terminais, além de surtir efeito quando há uma quantidade considerável de dor numa dada situação (Funes, 2001, p. 128).

Vale destacar que “A vida não deixa de ser engraçada quando alguém morre, da mesma forma que não deixa de ser séria quando alguém ri” (Shaw, George Bernard, s.d. *apud* Barros, 2022, p. 14).

Cabe ainda, a título de curiosidade e comparação, apontar o velório tradicional irlandês, no qual a presença é um dever quando se conhece o defunto. Um velório irlandês se estendia por vários dias e contava com um contador de histórias em homenagem à vida da pessoa morta, e daí provinha o riso, costume determinado pela cultura (Funes, 2001, p. 128).

- Aprendizagem e risada não se misturam, ou se aprende ou se ri, pois quando estamos rindo não podemos aprender e vice-versa (Funes, 2001, p. 131).
Contrariando tal concepção, pesquisas indicam mais aprendizagem num ambiente amistoso e acolhedor, no qual há espaço para o riso, sinal de detecção de erro, por um equívoco benigno, não ameaçador, erro encarado sem medo (Barros, 2022, p.152-153).

Uma crença limitadora é uma generalização que precisa de atualização porque está atrapalhando o seu caminho para a obtenção do que você quer: aumentar o seu quociente do riso! (Funes, 2001, p. 151).

3.10 Diferenciação do Riso - Etapas de Vida, Sexo...

O tempo influencia na nossa conexão com o humor, para tanto é preciso considerar o avançar dos segundos, dos minutos, das horas, dos dias, dos meses, dos anos, a fim de compreendê-lo, pois no transcorrer da vida a percepção da graça

muda (Barros, 2022, p. 107-108).

Referente ao tempo, podemos mencionar ainda, o intervalo que leva um gatilho emocional a deixar de sê-lo e fazer rir, citada por Barros (2022). Quanto maior a gravidade das situações, maior o tempo necessário para que se tornem “piada” e se o evento gerador do fazer rir for atual, num curto espaço de tempo, a emoção diminui e a graça aumenta e após muito tempo a emoção desaparece e a graça acaba, sendo preciso uma violação para que o riso ocorra. A piada apresenta o tempo mais efêmero, pois o seu sucesso depende do acerto do *timing* da comédia (*insight* adquirido após anos de palco), deixar de falar no tempo certo faz escapar toda a graça (Barros, 2022, p. 109-110).

A inclusão do riso na comunicação é tão importante, que há povos e comunidades que marcam a data de alguma maneira. A celebração da primeira risada do bebê é de praxe na etnia navajo (povo indígena da América do Norte). De acordo com a cultura, a alma entra no corpo após o nascimento e o riso do bebê é sinal de conexão entre ambos (Lori Arviso Alvord s.d. *apud* Barros, 2022, p. 114).

O ser humano nasce tão dependente que no início da vida sua fala se reduz ao choro como sinal de que algo não está bem, mas de repente introduzem ao ato de comunicar, a recompensa pelos acertos dos pais e/ou cuidadores, esboçando um sorriso de satisfação, o mais Duchenne possível, que acontece geralmente após três meses de nascimento da criança, sendo uma raridade começar antes de um mês e meio (Barros, 2022).

Barros (2022) menciona que o caminho para a identificação do que é de fato engraçado tem início com o surgimento do riso nas brincadeiras, entre 4 e 6 meses de idade; com seis meses, frente a um novo estímulo, a criança olha com curiosidade para ele e volta o olhar para os pais, que se estiverem rindo, têm como *feedback* o seu sorriso; com 1 ano, a reação é semelhante, porém passa a rir também para o estímulo, entendendo que era engraçado.

Nesta faixa etária, de acordo com Barros (2022), a criança já identifica padrões e suas quebras e a incongruência chama sua atenção e causa choro, se interpretada negativamente ou riso, se positivamente. Antes dos 2 anos, mais reconhece e imita do que cria situações para o riso. Entre 2 e 3 anos ela é capaz de produzir risadas, criando suas próprias violações benignas, deixando de apenas imitar as gracinhas alheias para produzir as suas próprias palhaçadas, sendo que aos 3 anos, mais cria do que imita e possui a percepção sobre a incongruência detectada

no outro ser proposital ou não, para fazer rir. Na sequência, com o aprimoramento no entendimento de conceitos mais elaborados, ela passa a dar respostas erradas intencionalmente para fazer graça.

Aos 5 anos é capaz de reconhecer graça num humor mais simples, somente com violação de expectativas, contudo não consegue apontar o incongruente. Com 7 anos, há uma oscilação, ora tem sucesso na tarefa, ora falha, mas já tem habilidades necessárias para identificar e criar incongruências; e aos 9 anos falta-lhe apenas um repertório para apreciar o que faz os mais velhos rirem (Barros, 2022).

É bem provável que com o passar dos anos, o senso de humor não mude, porém, uma interferência menos quantitativa do que qualitativa acontece. Com a idade, há uma forte tendência ao conservadorismo e, portanto, a menor aceitação da violação das normas sociais e o estilo de humor pode mudar. A compreensão do risível fica prejudicada pela lentidão cognitiva, mas quando acontece, o prazer da risada de um idoso supera o, do jovem. Idosos com Alzheimer preferem a comédia pastelão ao humor satírico, diferindo de idosos saudáveis, que já não apreciam tanto o humor filiativo (troca de piadas num bate-papo amigável), nem tampouco o agressivo (zombarias), este, bem atrativo aos mais jovens (Barros, 2022).

As preferências referentes àquilo que faz rir e seus conteúdos variam de um país para outro e de uma idade para outra (Richard Wiseman, 2008 *apud* Barros, 2022, p. 126). As temáticas que fazem sucesso para fazer rir são numericamente superiores na fase adulta, pela gama de problemas enfrentados e conforme a idade avança, ganham terreno os gracejos que abordam envelhecimento, surdez, esquecimento, o que reforça que o êxito dos temas para cada faixa etária está ligado a aspectos da vida que causam forte ansiedade (Barros, 2022, p. 124).

Rir nos faz bem, e isso, todos sabemos, porém, entre saber e rir há uma diferença. À medida que crescemos, aprendemos regras claras que nos impedem de usar o riso para nossa própria felicidade. Nossas crenças sobre o que convém ou não nos impossibilita de usar o riso para preservar o equilíbrio de nossa vida emocional, elo entre corpo e mente.

Segundo Funes (2001, p. 11-12), os psicólogos dizem que perdemos 385 risadas entre a infância e a idade adulta, ficando apenas com 15, pois esquecemos essa linguagem da conexão entre corpo e mente e abraçamos um sistema educacional que só se preocupa com realizações sérias.

É de suma importância, porém, a manutenção da criança que há no interior

de cada um, a fim da manifestação de um sorriso saudável, como apregoado por Muriel James e Dorothy Jongeward (s.d. *apud* Funes, 2001, p. 94). É nesse riso que se encontra o nosso potencial criativo, lúdico, verdadeiro e exploratório.

Destouches (s.d.) afirma que as mulheres riem mais do que os homens, os jovens mais do que os velhos e os sanguíneos (extrovertidos, sociáveis, otimistas e entusiastas) mais do que os melancólicos, ele ainda atribui a cura ao recebimento do riso (Alberti, 1999, p.148). Joubert (1973 *apud* Alberti, 1999, p.111) insere também os indivíduos gordos na frequência maior do riso. Podemos acrescentar ainda que há uma tendência maior do riso em pessoas, cuja pretensão sobre a realidade sumiu (Funes, 2001, p. 228).

Rimos 30 vezes menos quando estamos sozinhos e só o fato de imaginar alguém compartilhando do nosso riso, neste caso solitário, faz aumentar a sua intensidade. Não à toa as risadas de fundo em seriados de comédia e gravação de programas de rádio na segunda metade do século XX (Barros, 2022, p. 93).

Pesquisas realizadas por Robert Provine (2012) e seus alunos indicam que comumente quem fala ri 46% a mais do que quem ouve, havendo variações proporcionais observados os gêneros e os papéis ocupados. Quando o homem fala e a mulher ouve, 66% deles riem, frente a 71% delas; quando ocorre o inverso, 88,1% delas riem, contra 38,9% deles; isso por razões biológicas e culturais, visto o riso inicialmente sinalizar sujeição, expressão dos subordinados inferiores (mulheres) em direção aos dominantes superiores (homens) e ao fato da atribuição cultural e equivocada, de que a mulher não é engraçada, visão refutada na série *The Marvelous Mrs. Maisel* pela comedianta fictícia, uma mulher precursora da comédia *stand-up* nos EUA nos anos de 1950 (Barros, 2022, p. 156-158):

Os homens em geral pensam que são os únicos que conseguem usar a comédia para preencher os buracos em sua alma. Eles saem por aí dizendo para todo mundo que as mulheres não são engraçadas, apenas os homens são. Mas pensem o seguinte: a comédia se alimenta de opressão, falta de poder, tristeza e frustração; de abandono e humilhação. Pois bem...quem diabos isso descreve melhor do que as mulheres?! Por esse padrão, só as mulheres deveriam ser engraçadas (Barros, 2022, p. 158).

3.11 Mona Lisa, a arte num sorriso

Figura 1 - Mona Lisa, quadro de Leonardo da Vinci exposto no Museu do Louvre em Paris, França.



Fonte: Moraes Jr. (2019)⁵.

Quadro cujo elemento visual central é o sorriso. Obra produzida por Leonardo da Vinci entre 1503 e 1506, época do ápice do Renascimento italiano, período de consideráveis progressos artísticos, científicos e culturais. Também conhecida como *La Gioconda*, que remete ao marido de Mona Lisa, Francesco del Giocondo e que significa “a sorridente”, “a alegre”, “a brincalhona” (Barros, 2022, p. 27); a obra é destaque pela introdução de novos padrões para pintura de retrato à época, tornando-se modelo para muitos artistas subsequentes. A pintura adquiriu maior visibilidade após o incidente de seu roubo do museu, em 1911 e consolidou seu lugar na cultura popular⁶.

O sorriso é uma expressão facial ambígua; pode significar alegria, desprezo, sedução, vergonha, nervosismo, deboche, constrangimento, maldade, acolhimento, submissão, dentre outros, a depender das condições em que se manifesta; e é essa ambiguidade que se traduz no segredo da obra- prima em pauta, um sorriso enigmático quanto ao que está querendo expressar ou disfarçar, diferenciado se observado os lábios ou focado nos olhos da modelo e ainda mais misterioso devido à abundância de emoções que pode carregar (Barros, 2022, p. 28).

Na tentativa de interpretação da expressão do riso, seja por cientistas através do auxílio de software; seja por um grupo de neurocientistas, cuja técnica foi

⁵ Disponível em: <https://eupercebo.unb.br/2019/12/01/o-misterio-do-sorriso-de-mona-lisa/>. Acesso em: 29 maio 2024.

⁶ Disponível em: <https://brazilartes.com/mona-lisa-de-leonardo-da-vinci-significados-e-analise-da-obra>. Acesso em: 03 out. 2024.

de divisão dos seus lábios (Mona Lisa) e espelhamento de cada metade, as opiniões não foram unânimes, prevalecendo a incógnita e fazendo intensificar a ideia de que o artista não queria dar a impressão de que Mona Lisa estivesse de fato feliz. A descoberta do sorriso verdadeiro (envolve toda a face, os lábios são simetricamente elevados, os músculos orbiculares dos olhos são contraídos e há o levantamento das bochechas) por Duchenne (s.d.) é outra evidência de que o sorriso de *La Gioconda* não expressa um sorriso genuíno, espontâneo, que reflete a alegria e o prazer (Barros, 2022, p. 29-39).

Ao analisar o sorriso da Mona Lisa sob o prisma da análise de discurso consoante estudos de Pêcheux (2014; 2015) e Orlandi (2001; 2009), podemos defini-lo como um signo cheio de sentidos que circulam em diversas formações discursivas. Esse sorriso é obscuro, não pode ser completamente decifrado ou capturado por uma única interpretação, pois convida à projeção de diferentes leituras e obriga o observador a lidar com a incompletude dos sentidos. Dessa forma seu discurso é permeado por múltiplas vozes e sentidos, determinados não apenas pelas intenções do sujeito, mas pelo espaço histórico e social que condiciona a produção de significados.

3.12 Dr. Duchenne e o Sorriso Verdadeiro

Guillaume-Benjamin-Amand Duchenne (1806-1875) foi um médico neurologista francês que, de acordo com Barros (2022), estudou as expressões das emoções na face humana. O doutor estimulava eletricamente os músculos do rosto, que se contraíam, observava simetrias e assimetrias, intensidades e duração dos movimentos e assim, mapeava as mudanças na feição, dessa forma, descobriu como o verdadeiro sorriso de satisfação difere dos demais. Seu trabalho surgiu de sua curiosidade nos estudos do médico e cientista Luigi Galvani, realizado no século XVIII, cuja descoberta foi de que a fisionomia animal era movida pela eletricidade. Mesmo cobaias mortas produziam contrações musculares quando submetidas a correntes elétricas (Barros, 2022, p. 31).

Responsável por esse estudo pioneiro sobre a fisiologia das emoções, Duchenne publicou em 1862 o livro "*Mécanisme de la physionomie humaine*" (Mecanismo da fisionomia humana), composto por fotos, retratos fisionômicos das várias emoções, uma referência para Darwin e seu livro "*The Expression of the*

Emotions in Man and Animals” (A expressão das emoções no homem e nos animais) (Barros, 2022, p. 31-32).

O neurologista Duchenne era interessado pela psicologia das emoções humanas, queria identificar as expressões faciais correspondentes aos sentimentos interiores do indivíduo. Tinha dentre os seus pacientes, um em especial, o homem velho desdentado, como era conhecido. Ele apresentava uma patologia de insensibilidade à dor na face, uma perfeita cobaia para os seus experimentos. Almejando entender a expressão da alegria, Duchenne (1862) propiciou ao paciente, experimentar uma emoção positiva ao ouvir piada e registrou a sua expressão facial por foto.

Dessarte descobriu que no sorriso verdadeiro (*Duchenne smile*) não estão envolvidos apenas os músculos dos lábios (zigomático maior), mas também, os músculos *orbiculares oculi*, localizados ao redor dos olhos, que juntos fazem erguer as maçãs do rosto e enrugam a pele no canto dos olhos, formando os pés de galinha, um importante legado que deixou (Barros, 2022).

O sorriso verdadeiro, espontâneo, procedente de satisfação verdadeira, faz ativar áreas cerebrais (têmpora esquerda e regiões anteriores), o que o sorriso só com a boca não faz (Ekman, 2011, p. 217).

Na exposição da risada genuína, as reações emocionais, difíceis de serem produzidas apenas pela nossa vontade, são fundamentais. A sua produção leva mais tempo do que a, de um mero riso manipulado, pois quanto maior for a gerência sobre a reação, mais rápida a sua realização (Barros, 2022, p. 38).

Sobre a descoberta do sorriso verdadeiro, podemos salientar as palavras um tanto quanto poéticas de Duchenne:

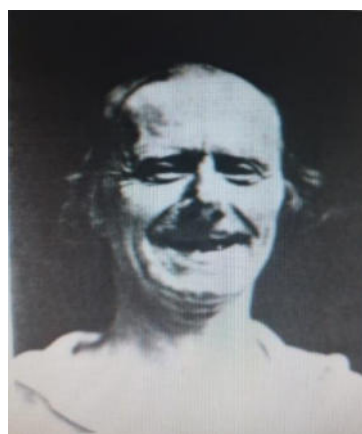
A emoção de franca alegria é expressa no rosto pela contração combinada do músculo zigomático maior e o orbicular do olho. O primeiro obedece à vontade, mas o segundo só entra em jogo pelas doces emoções da alma. (...) a alegria falsa, o riso enganoso, não pode provocar a contração deste último músculo. (...) O músculo à volta do olho não obedece à vontade; só entra em ação por um sentimento verdadeiro, por uma emoção agradável. A sua inércia, ao sorrir, desmascara um falso amigo (Duchenne, 1862 *apud* Barros, 2022, p. 33).

Figura 2- Expressão do Sorriso Duchenne, natural, genuíno, sem a utilização de eletrodos, após uma piada



Fonte: Ekman, 2011, p. 215

Figura 3- Músculos contraídos durante a exibição facial da emoção básica alegria



Fonte: CICEM-Centro de investigação do comportamento das emoções⁷

Quanto ao sorriso não Duchenne, ele não é proferido por emoções positivas, embora também possa ser automático e involuntário e não é necessariamente uma mentira. A distinção entre o sorriso “verdadeiro” e o “falso” se dá pelas emoções que o motivou e pela fisionomia que fabricou (Barros, 2022, p. 35). Associando a afirmação anterior às teorias de AD de Pêcheux (2014; 2015) e Orlandi (2001; 2009) reforçamos a concepção de que o discurso não se limita tão somente à materialidade linguística, mas está também vinculado às condições de produção e aos efeitos de sentido gerados pelo sujeito. Podemos acrescentar ainda que o fato do sorriso parecer ou não verdadeiro é fruto de construções sociais e ideológicas, pois tanto as emoções geradoras do discurso (sorriso) quanto a fisionomia produzida estão inseridas em redes de significação.

⁷ Disponível em: <http://cicem.com.br/sorriso-falso-e-sorriso-verdadeiro-duchenne-smile/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

Inspirado em autores como Platão, Aristóteles, Cícero, Descartes, Hobbes etc, Duchenne (1862) desenvolveu um rol com 73 termos, incluindo estados como: admiração, raiva, tédio, coragem, curiosidade, desejo, nojo, embriaguez, ódio, alegria, risada, amor, esperança, tristeza, medo, surpresa, vergonha, desprezo, entusiasmo, inveja, ciúme, orgulho, dor, dentre outros. Com seu estudo classificou ainda 33 expressões faciais derivadas da estimulação eletrofisiológica, discriminando o músculo ou o conjunto de músculos que produzem a respectiva alteração de aparência. Dentre as expressões catalogadas por ele estão: atenção, reflexão, meditação, dor, alegria, riso, riso falso, riso irônico, agressão, choro moderado, tristeza, desdém, dúvida, escárnio, surpresa, espanto, admiração, susto, terror, raiva, êxtase, etc⁸.

Sobre os movimentos que formam as expressões do rosto, podemos acrescentar as seguintes palavras do Dr. Duchenne (1862 *apud* Darwin, 2009, p. 18):

O Criador pôde, seguindo a sua sabedoria, pôr em ação este ou aquele músculo, somente um ou vários ao mesmo tempo, para que os sinais das paixões, mesmo os mais fugazes, se inscrevessem passageiramente na face dos homens. Uma vez criada essa linguagem da fisionomia, bastou-lhe, para torná-la universal e imutável, dar a todo ser humano a faculdade instintiva de sempre exprimir seus sentimentos pela contração dos mesmos músculos.

O seu estudo sobre a fisiologia das emoções demonstrou que certas expressões são involuntárias e ligadas a reações emocionais genuínas, como o sorriso verdadeiro, diferente do sorriso social que pode ser conscientemente controlado, o que evidencia que o corpo, em especial a face, pode revelar emoções autênticas que muitas vezes fogem ao controle consciente, informação esta, similar ao discurso de Pêcheux (2014; 2015) e Orlandi (2001; 2009), no sentido de que ele também se manifesta por meio de suas formações e condições de produção, elementos que escapam ao controle consciente do sujeito. Tanto o corpo quanto a palavra revelam algo do sujeito que não pode ser totalmente dominado por ele. A gramática do riso proposta por Provine (2012) pode ser ampliada e complementada pela AD, na medida em que compreendemos que o riso, assim como a linguagem, é produzido dentro de condições históricas, culturais e ideológicas específicas,

⁸ Disponível em <https://spicologos.com/2022/10/25/o-experimento-de-duchenne-um-dos-primeiros-estudos-com-fotografia-em-psicologia/>. Acesso em: 29 maio 2024.

contando também com as suas condições pontuais de produção.

3.13 O Riso em Darwin

Charles Darwin (1809-1882) foi um naturalista inglês que se envolveu no estudo dos movimentos faciais, comparando as expressões humanas com as expressões de animais. Pela sutileza e rapidez dos gestos da face, bem como pela tendência ao mascaramento das emoções através destes mesmos gestos, ele achou por bem, estudar a fisionomia de “loucos”, crianças e aborígenes, grupos cujas paixões são demonstradas de forma incontida, permitindo uma análise confiável, visão particular que o atraiu. Concluiu que sob situações parecidas, homem e animal apresentam expressões também idênticas, o que faz inferir que as emoções são adquiridas como herança de algum ancestral comum (Darwin, 2009).

Reforçando a proposição acima, podemos somar:

A partilha de certas expressões por espécies diferentes ainda que próximas, como na contração dos mesmos músculos faciais durante o riso pelo homem e por vários grupos de macacos, torna-se mais inteligível se acreditarmos que ambos descendem de um ancestral comum (Darwin, 2009, p. 19).

Em seus estudos, o naturalista afirma que os macacos emitem sons semelhantes ou equivalentes ao riso do homem, embora sejam os músculos de suas mandíbulas e lábios os mais atuantes na ação dos primatas, diferente do homem, que tem os músculos do tórax mais ativos para a mesma façanha e isso se dá pela própria estrutura dos aborígenes, muitos numa posição que favorece a compressão dos músculos internos (diafragma, por exemplo), dificultando, impedindo ou reduzindo a potencialidade de suas contrações e expansões, impossibilitando a emoção do diafragma e a manifestação do “verdadeiro sorriso” (Darwin, 1972 *apud* Alberti, 1999, p. 183). A preocupação primeira de Darwin pela expressão do riso, nos faz deduzir que ela seja uma das primeiras, senão a primeira expressão adquirida em nossa ascendência junto de outras também antigas, como o medo e a raiva (Alberti, 1999, p. 183).

Mediante a pesquisa (questionários e fotos) lançada aos grupos selecionados e já mencionados e as suas respostas similares, concluiu que todas as principais expressões são universais e inatas (Darwin, 2009, p. 305).

Charles Darwin (1998) se utilizou das fotografias de Duchenne para elucidar as diferenças entre os sorrisos, embora estudiosos de expressões faciais nos cem anos seguintes não o tenham citado (Ekman, 2011, p. 216).

Ele não faz distinção entre sorriso, riso e gargalhada, pois trata-se de uma mesma ação em intensidades diferentes. Vale observar que um sorriso pode ser considerado o primeiro estágio do aparecimento de uma risada seguido da gargalhada (Darwin, 2009, p. 178-179). Seu som é produzido por uma forte inspiração e na sequência, breves contrações descontínuas e espasmódicas do tórax e principalmente do diafragma (Alberti, 1999, p. 181). Em sua concepção, as possíveis causas do riso são a incongruência, a superioridade, a surpresa e a alegria, sendo o riso a expressão natural e universal da última (Alberti, 1999, p. 181).

3.14 O Atlas da face em Paul Ekman e Wally Friesen

Paul Ekman psicólogo americano, em seu projeto de pesquisa referente ao comportamento não verbal partiu da concepção de que as expressões e os gestos eram socialmente aprendidos e culturalmente variáveis; ideia defendida também por Margaret Mead, Gregory Bateson, Edward Hall, Ray Birdwhistell e Charles Osgood (Ekman, 2011, p. 20).

Silvan Tomkins (s.d.), assim como Darwin sustentava a opinião de que expressões faciais eram inatas e universais à nossa espécie e sua convicção despertou o interesse em Ekman, que apesar de relutar em acreditar neste fato, foi seduzido por argumentos plausíveis e buscou esclarecer o impasse, fazendo um trabalho de identificação de emoções em fotos. Carrol Izard (1971) outro psicólogo, também o fez e ambos chegaram a mesma conclusão de Tomkins e Darwin. A pesquisa com cidadãos pertencentes a culturas isoladas; sem familiaridade com qualquer outra cultura; iletrados, sem linguagem escrita, só fez confirmar o resultado ao qual haviam chegado (Ekman, 2011).

Outra evidência de que as expressões são inatas e universais está no fato de que os cegos por nascença apresentam expressões similares aos de indivíduos que enxergam (Darwin s.d. *apud* Ekman, 2011, p.31).

Ekman (2011) combinou a conclusão de que as expressões faciais das emoções eram universais, com o ponto de vista de Birdwhistell (1971), de que elas diferiam de uma cultura para outra e criou a ideia das regras de exibição, segundo a

qual, expressões inatas são manifestadas em particular e em público são controladas. As descobertas de Duchenne foram inseridas às suas pesquisas, que em sua homenagem intitulou o sorriso de satisfação verdadeira com o seu nome (Ekman, 2011).

Ekman (2011, p. 219) classifica os sorrisos como de satisfação e de não satisfação. O sorriso polido e o de concordância ou compreensão se encaixam na segunda categoria por envolverem apenas a boca, embora outros sorrisos de não satisfação demandem outras ações faciais além da boca sorridente, como por exemplo o sorriso desconfiado, cauteloso; de autocontrole emocional e o sorriso diante de emoções desagradáveis “encaradas” com espírito esportivo. Um único sorriso ainda pode englobar satisfação e não satisfação, o sorriso misto. Um exemplo deste seria o sorriso que combina arrogância/ vingança e desprezo. Quando o intento for apreciar a veracidade ou não de um sorriso, o caminho é observar o franzir da cobertura do olho, logo abaixo das sobrancelhas.

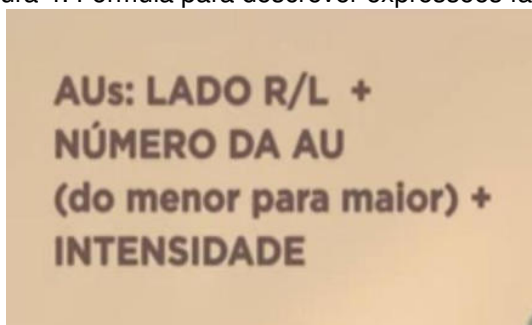
Em 1976 Paul Ekman e Wally Friesen desenvolveram o sistema de codificação da ação facial (FACS) para classificar todas as expressões faciais. Esse sistema divide a face em unidades de ação muscular pela fisiologia facial. Uma unidade de ação denominada AU representa um ponto no mapa da face, que contraído e associado a outros pontos representativos definem uma dada emoção.

Wally Friesen e Ekman escreveram o primeiro atlas da face, o Sistema de Codificação da Ação Facial (*Facial Action Coding System* - FACS), ferramenta publicada em 1978, utilizada atualmente por cientistas do mundo todo e constantemente atualizada para automatização e aceleração da medição do movimento muscular de cada expressão (Ekman, 2011, p. 32). Para tanto, gravaram um vídeo fazendo combinações de movimentos faciais e aprenderam a identificar os músculos responsáveis por cada expressão produzida, além de detectarem que quando faziam certas expressões, que já sabiam universais, ficavam tomados de emoções intensas (Ekman, 2011, p. 52).

Há uma fórmula auxiliar para descrição das expressões faciais, ela consiste em colocar as AUs: lado R/L (direito e esquerdo, respectivamente), apontar se o movimento realizado pela unidade de ação foi para a direita-R ou para a esquerda-L, na sequência você vai colocar qual foi o movimento da AU visto, isso do menor para o maior, separando pelo sinal de + a cada AU e para finalizar será acrescentada a

intensidade, que vai de A (mais discreto, microexpressão) até E (intensidade maior)⁹.

Figura 4: Fórmula para descrever expressões faciais



Fonte: Carol Portilho (2021)¹⁰.

No decorrer de nossas vidas, passamos por vários eventos, temas distintos, uns originalmente armazenados, outros aprendidos, adquiridos e incorporados aos eventos universais antecedentes, tornando-se gatilhos ativadores de emoções variadas. Os eventos diferem de pessoa para pessoa e os temas desencadeadores das emoções são aprendidos e associados a uma dada emoção que reflete o sentimento em vigor.

Vários são os tipos de gatilho que fazem invocar as mesmas emoções em culturas diversas (Ekman, 2011, p. 39). Os eventos que impulsionam as emoções são motivados não só por nosso conhecimento individual como também por nosso passado ancestral. Tanto o aprendizado associativo tema X emoção como no caso o tema que não requer a experiência para despertar a nossa sensibilidade emocional, ambos nos são benéficos, visto fazerem parte da experiência de nossa espécie, e portanto, serem referenciais pelo fato de constituírem-se como gatilhos relevantes para nossa sobrevivência, o que faz culminar em respostas rápidas.

Durante toda a nossa existência, novos comportamentos emocionais são adquiridos e adicionados aos predefinidos, o que faz como que nos adaptemos a quaisquer situações, visto nossas respostas emocionais estarem ligadas tanto ao nosso passado evolucionista, como a nosso passado pessoal e ao nosso presente. (Ekman, 2011, p. 86).

⁹ Carol Portilho. O que é FACS? Como analisar emoções com ele?. YouTube, 24 fev. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NYmpGq34BWs>. Acesso em: 24 ago. 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NYmpGq34BWs>. Acesso em: 24 ago.2023.

4 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: DISCURSOS SOBRE O SORRISO

Nesta seção apresentamos a análise de alguns sorrisos recortados de cenas de filmes, para tanto, as condições de produção sob as quais o ato se deu são elucidadas, a fim de subsidiarem as interpretações das faces do riso. As leituras dos discursos são reflexo das afinidades com determinadas teorias e do “entendimento individual”, digo individual, porque também conta com as experiências do analista, suas crenças, valores, posições, que se analisadas por outro, provavelmente teria outra configuração, outra leitura. Anterior à análise de cada cena selecionada, está um breve apanhado do filme e de suas condições de produção, bem como, apontamentos de conteúdos (temas) trabalhados em cada qual.

4.1 Análise de Sorrisos

4.1.1 Filme Ninguém segura este bebê

Filme lançado em 1994 por Patrick Read e escrito por John Hughes. Nele acompanhamos as aventuras de um bebê que, ao ser sequestrado por três bandidos que se passaram por fotógrafos, consegue escapar e percorrer a cidade de Chicago. No percurso, a criança envolve os três miliantes atrapalhados nas maiores confusões ao tentar reavê-la. Essa narrativa pode ser lida como uma representação da inocência infantil em contraste com a malícia dos adultos, onde a figura do bebê se torna um símbolo de ingenuidade em um mundo repleto de ambições e interesses escusos.

No contexto de "Ninguém Segura esse bebê", as interações entre os sequestradores e o menino podem ser analisadas à luz das relações de poder. Os sequestradores, representando uma forma caricatural do crime, estabelecem um discurso que busca controlar e dominar, mas são frequentemente subvertidos pela perspicácia e pela imprevisibilidade do bebê. Essa subversão pode ser vista como uma crítica ao discurso de autoridade, onde o inocente se torna o agente de transformação ao desestabilizar a ordem estabelecida. A dinâmica do filme nos faz refletir sobre o lugar da infância na sociedade contemporânea e a construção de estereótipos em torno do papel dos adultos. Podemos identificar a presença do “interdiscurso” de Pêcheux (2009) na obra, onde vários discursos se entrelaçam e se

referenciam a contextos históricos e sociais. O não dito que também significa fica evidente, além das marcas ideológicas que permeiam as interações.

Figuras 5 e 6: Recorte de cenas do filme “Ninguém segura este bebê”



Fonte: Disney Plus¹¹. Tempo do recorte: min.16:47 e min.16:31

Neste filme, Bento, um bebê de nove meses, sequestrado, ri o tempo todo das trapalhadas de seus sequestradores, ignorando o perigo. Nesta cena um dos bandidos, para testar a temperatura do leite, joga um pouco do líquido na careca do companheiro, o menino chega a gargalhar. Na sequência, o calvo, rindo, se levanta bruscamente e dá um tapa na cabeça do outro. O bebê continua rindo do inesperado, entendido como engraçado. Seu olhar e o seu sorriso estão direcionados para o que provocou o riso. Seu sorriso é inocente, espontâneo, transparente, inspira credibilidade, um sorriso genuíno, o sorriso Duchenne, que reflete a alegria e o prazer e faz contagiar os telespectadores. O bebê não é capaz de disfarçar seus sentimentos, sua expressão facial indica confiavelmente o seu estado de espírito, as suas emoções (Mendes; Seidl-de-Moura, 2009).

A atitude da criança é compatível com a sua idade (nove meses), o que faz confirmar a veracidade de que nesta fase, quebras de padrões e incongruências chamam a sua atenção e ela ri direcionando o olhar para o que provocou o riso, se considerado engraçado (Barros, 2022).

¹¹ Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/play/6e7b9b3b-51cc-40c8-bdd8-32abe957a33d>. Acesso em: 25 jun. de 2024.

4.1.2 Filme A Vida é Bela

Filme lançado em 1997 e ambientado na época que antecede a Segunda Guerra Mundial, terminando com o seu fim. Parte dele acontece em um campo de concentração nazista, mostrando os horrores de uma guerra. Nos papéis principais temos o ator Roberto Benigni (Guido), também diretor da trama; Nicoletta Braschi (Dora), sua esposa na vida real e Giorgio Cantarini (Giosué) no papel de filho do casal (Camacho, 2021)¹². Guido, um judeu italiano, vai para a cidade trabalhar de garçom no hotel do tio e apaixona-se por Dora, uma professora de família rica. Entre encontros “inesperados”, Guido, muito espirituoso, conquista Dora e juntos fogem e tem um filho, Giosué. Pai e filho judeus são levados para o campo de concentração. A mãe, para não ficar longe da família, também junta-se ao grupo, embora lá, fiquem separados. Guido usa da imaginação para ludibriar o filho, a fim de poupá-lo do sofrimento e da morte. Inventa um jogo, no qual o cumprimento de regras dá pontuações e ao final um tanque de guerra de verdade para o vencedor.

A obra retrata a intolerância, a supremacia racial, a violência, a exploração, o antissemitismo, a segregação, a exclusão, a discriminação, a diferença entre classes sociais, o abuso de poder e a humilhação, em contrapartida, também mostra o amor, a esperança e a resistência diante da adversidade. Os temas abordados são passíveis de investigação. Através da análise de discurso de Orlandi (2001; 2009), é possível identificar as ideologias dominantes e os discursos hegemônicos, bem como levantar como influenciam na forma como as narrativas são construídas e compreendidas, atentando para suas condições de produção, bem consoantes com o cenário em questão (guerra). É possível observar também de que posição vem determinada ideologia.

¹² Disponível em: <https://pop.proddigital.com.br/analises/analises-de-filmes/a-vida-e-bela-um-filme-atemporal-sobre-esperanca-em-meio-ao-desespero>. Acesso em: 10 set. de 2024.

Figuras 7 e 8: Recorte de cenas do filme “A vida é bela”



Fonte: YouTube¹³. Tempo de recorte: parte 18, min. 1:09 e min. 1:08

Durante a segunda guerra mundial o judeu Guido e seu filho Giosué são levados para um campo de concentração nazista. O pai usa a sua imaginação para que a criança passe pelos maus momentos sem perceber o que de fato está acontecendo, para tanto, diante do questionamento do menino no trem, a caminho do local, responde se tratar de uma surpresa de aniversário para ele. Ao chegarem ao destino, o pai (sempre com um sorriso no rosto) diz que participarão de um jogo e que quem ganhá-lo receberá um prêmio.

O garoto passa o filme inteiro desconhecendo a razão verdadeira pela qual estão naquele lugar horrível, pois o pai, sempre com um sorriso no rosto, vai pavimentando o caminho para que o seu filho não sofra em meio à violência e ao terror estabelecidos naquele ambiente. Podemos inferir que tanto o pai como o filho não conseguiriam passar pela situação já mencionada de uma maneira menos impactante, se assim não fosse. O pai teria sofrido muito mais se o seu filho estivesse a par de tudo o que estava ocorrendo, pois veria o menino sofrer também, e certamente Giosué seria exterminado. Ele achou por bem, distanciar-se do problema para poupar a criança e por tabela, também preservá-lo de maior sofrimento. Optou por encarar as circunstâncias com um sorriso no rosto, mesmo sofrendo por dentro, foi uma escolha, já que de qualquer maneira, teria que passar por isso. Assim, o pai manteve um sorriso fingido e voluntário, para não expressar exatamente o que estava sentindo; oposto ao sorriso Duchenne, verdadeiro, genuíno, fruto da felicidade.

Remetendo à antiguidade, onde o sorriso era definido como paixão da alma, podemos mencionar Platão e os falsos prazeres. O riso do pai seria um falso prazer, visto misturar prazer e dor, prazer no sentido dele conseguir “ludibriar” o filho para que

¹³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghxQNcOMNsw&list=PLubvCFuYk3x-KGoisJWYBor8_0SP1AhNo&index=18. Acesso em: 21 jun. de 2024.

ele não sofresse, e dor, pela sua consciência e impotência diante do pesadelo que estavam vivendo. O cenário e a resposta do pai sugerem ainda uma melhor administração (“desligamento do problema”) do que estava posto, um artifício de sobrevivência, como defendido por Bill Cosby (s.d. *apud* Funes, 2001, p. 56), uma atitude louvável. A situação só não é 100% interpretada pela teoria de Platão porque não envolve a inveja (dor) e o prazer, o que desaprovava tanto o autor do riso quanto o seu motivo.

Se levarmos em consideração a classificação do riso em Lambert (2014, p. 47), podemos dizer que o sorriso do pai, no filme, foi sobretudo um sorriso amigo, de conforto, embora o menino não soubesse disso, visto ignorar a gravidade do momento e podemos juntar a esta interpretação, o sorriso animador (Lambert, 2014, p.48), afinal, seu objetivo era também contagiar o filho.

Podemos ainda inferir a feição do filho, com um olhar brilhante que somado ao sorriso e as condições em que foram produzidos, são interpretados como expressão fisionômica de expectativa positiva do que estava por vir, diante dos recursos mais inusitados empregados pelo seu pai, fazendo com que o menino contasse sempre com a surpresa, com o novo, uma das condições para a manifestação do sorriso, segundo Alberti, 1999.

4.1.3 Filme Extraordinário

Lançado em 2017, conta a história de Auggie Pullman, um menino com uma deformidade facial congênita, que pela primeira vez frequenta a escola. O filme aborda o *bullying*, um tema tão atual, e faz despertar a empatia e a compaixão.

Sob a ótica de Pêcheux (2014; 2015) e Orlandi (2001; 2009), o sujeito do discurso é constituído dentro de uma rede de formações discursivas, o que interfere nas interações estabelecidas e faz moldar o nosso ser, dizer e agir, reflexo dessas mesmas formações. O filme traz à tona discursos que definem as pessoas com diferenças físicas como “anormais”. O ator principal se reconhece no discurso circundante, construção discursiva reforçada pelos olhares, palavras e gestos dos outros personagens, o que traz insegurança e medo da rejeição. A resistência de sua família diante do discurso dominante que marginaliza Auggie traz vitórias.

O “não dito” de Orlandi (2009) é presença marcante nas cenas. O preconceito, mesmo de forma muitas vezes velada, se faz notar. No contexto de

“Extraordinário”, a escola, um dos principais cenários do filme, espaço de produção de discursos no qual se tenta promover a inclusão, mas ao mesmo tempo, discursos de exclusão e *bullying* se manifestam.

Para Pêcheux (2015), o discurso é sempre atravessado pela ideologia. Em “Extraordinário”, os discursos de aceitação, inclusão e respeito estão impregnados por uma ideologia da normalidade e do padrão, tanto é que, mesmo a “superação” de desafios pelo garoto é uma construção ideológica que ratifica a ideia de que ele é que precisa se adaptar, silenciando os questionamentos sobre o porquê de certas normas sociais existirem.

Figuras 9 e 10: Recortes de cenas do filme Extraordinário



Fonte: Netflix¹⁴. Tempo de recorte: min.1:15:25

Neste episódio Auggie Pullman (o extraordinário) confessa ao amigo, ter vergonha de comer diante de outras pessoas, pelo fato de fazê-lo como uma tartaruga do pântano pré-histórica, já que criticado sarcasticamente por Julian Albans (um colega da sala) num outro momento. Jack Will, seu amigo, o surpreende com a atitude retratada na imagem acima, o que faz reforçar a premissa inquestionável de que o objeto do riso surge do inesperado (Alberti, 1999, p. 128).

De acordo com o enredo, podemos deduzir que por um instante, Auggie Pullman foi capaz de pegar a sua dor e brincar com ela (Charlie Chaplin s.d. *apud* Funes, 2001, p. 87), tanto é que, na sequência, sem pudor, acompanha o movimento do amigo, supostamente, liberando um sentimento de dor em favor da demonstração do prazer através do riso, resposta à percepção de algo novo (John Morreal s.d. *apud*

¹⁴Disponível em:

<https://www.netflix.com/watch/80147986?trackId=256829969&tctx=0%2C0%2C5a6e0349-aaec-4f6a-9491-0919fcbd8b7f-273397419%2C5a6e0349-aaec-4f6a-9491-0919fcbd8b7f273397419%7C2%2Cunknown%2C%2CtitlesResults%2C%2CVideo%3A80147986%2CminiDpPlayButton>. Acesso em 23 jun. de 2024.

Funes, 2001, p.66), um alívio, pôde dar vazão ao que fora reprimido. Assim, nesta, pôde ser observada tanto a presença da teoria da incongruência quanto da teoria do alívio, desta, pela liberação da tensão acumulada e daquela por contar com a surpresa e o contraditório.

Figura 11: Recorte de cena do filme Extraordinário



Fonte: Netflix¹⁵. Tempo de recorte: min. 1:33:32

Faz-se necessário analisar também a atitude de Julian Albans que pelo fato de se sentir superior, debochou do jeito de comer do colega, com palavras e um sorrisinho sarcástico. Essa superioridade é mencionada em Hobbes ano??? (*apud* Alberti, 1999). A sua alegria custou a tristeza do outro. Na sequência Julian foi compartilhar do seu “sorrisinho” com os colegas da outra mesa, atitude que uniu o grupo e que maximizou a dor da vítima da chacota. Este sorriso misturou alegria e maldade, alegria pela satisfação da união do grupo e maldade por conta da ridicularização de um colega, um riso de acolhimento e de exclusão, desenvolvido por Eugène Dupréel em 1949 (Alberti, 1999, p. 28).

Ainda que a conduta de Julian fosse para corrigir, que não era o caso, pois não se tratava de nenhum desvio comportamental reprovado pela “sociedade”, mas de um ato de provocação, o caráter cômico da encenação mostrou-se duvidoso, visto se utilizar do mal (humilhação) para fazer rir, o que ratifica a insensibilidade do espectador e a supremacia de sua vaidade e orgulho acima do bem e do mal na produção do riso, prerrogativas presentes em Bergson (1983). Nesta cena evidencia-

¹⁵ Disponível em:

<https://www.netflix.com/watch/80147986?trackId=256829969&tctx=0%2C0%2C5a6e0349-aaec-4f6a-9491-0919fcbd8b7f-273397419%2C5a6e0349-aaec-4f6a-9491-0919fcbd8b7f273397419%7C2%2Cunknown%2C%2C%2CtitlesResults%2C%2CVideo%3A80147986%2CminiDpPlayButton>. Acesso em 23 jun. de 2024.

se a crença do zombeteiro em sua superioridade com relação ao objeto do riso (Auggie Pullman), traduzindo-se em um signo de poder, porém, vale destacar que, conforme Hobbes (1966 *apud* Alberti, 1999), esse riso não agrada às pessoas do bem, que não se valem da fraqueza alheia para se utilizar do poder.

Nessa imagem vale somar ainda, sob a perspectiva da teoria de percepção humana de Pierre Weil e Roland Tompakow (2015), a postura corporal altiva de Julian. Ele se apresenta encarando o colega de cima para baixo e há uma proeminência de seu tórax, o que indica preponderância do eu em detrimento à postura de Auggie Pullman (o extraordinário), cujo olhar é triste e sua posição encurvada diante do subjugamento do colega, revelando um sentimento de inferioridade.

4.1.4 Filme Uma Linda Mulher

Comédia romântica lançada em 1990 e dirigida por Garry Marshall. O filme tem como protagonista, Vivian (Julia Roberts), uma prostituta sobrevivente da violência urbana de Los Angeles, em uma época (início dos anos 90) em que a criminalidade imperava em maior ou em menor grau, nas cidades dos Estados Unidos. Tem também como ator principal, Richard Gere que interpreta Edward Lewis, um rico empresário que se envolve emocionalmente com a prostituta.

O filme retrata o preconceito, o machismo, a superação, as diferenças sociais, o pré-julgamento, o sexismo, a relação de poder, o choque cultural entre realidades distintas, a discriminação e o consumismo como sinônimo de felicidade.

Quanto ao gênero masculino, estereótipos associados à competitividade, decisão e comando são salientados. Assim, a partir da análise de discurso de Pêcheux (2014; 2015) e Orlandi (2001; 2009), é possível observar um enredo que corrobora com a reprodução de uma série de formações discursivas dominantes. Podemos acrescentar ainda que a romantização da transformação de Vivian, salva pelo “príncipe encantado”, silencia questões complexas sobre a marginalização e a prostituição e reforça o estereótipo de fragilidade, incompletude e dependência femininas.

Figura 12: Recorte de cena do filme “Uma linda mulher”

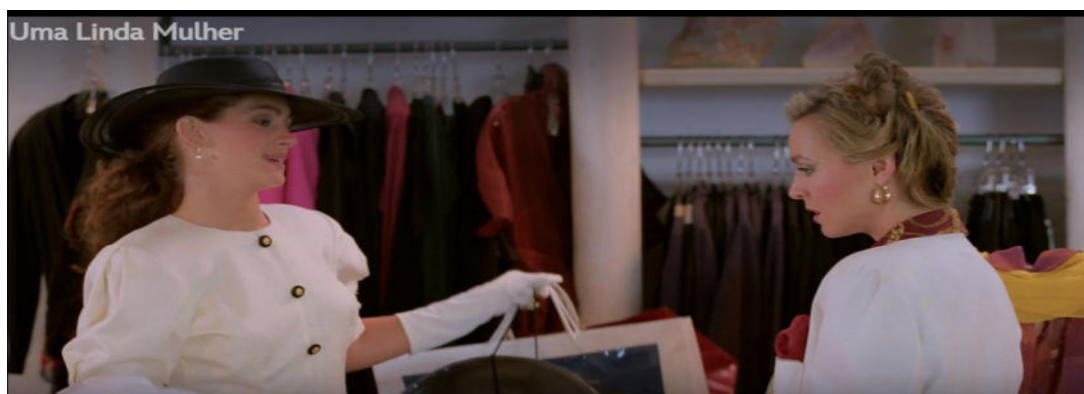


Fonte: Disney Plus¹⁶. Tempo de recorte: min. 55:36

Esta cena é consequência de uma cena anterior na qual a personagem Vivian, interpretada por Julia Roberts fora humilhada numa loja de grife, por não apresentar neste momento, o perfil de uma potencial cliente (estava em trajes simples, com partes do corpo à mostra e o tecido era colado, marcando seus contornos). Após tomar um “banho de loja” em uma de suas concorrentes, passa em frente ao estabelecimento de luxo onde fora ridicularizada e segura de si, condição visível em sua postura ereta, ombros alinhados, queixo elevado; lança através da vitrine, um olhar projetor de plano de vingança somado a um “sorrisinho” discreto e intencional por “maldade”, como que arquitetando uma revanche à altura da humilhação sofrida e assim, segue o seu plano mirabolante. Suas sobrancelhas elevadas traduzem a sua felicidade, o seu nariz empinado, a superioridade e os lábios arqueados para cima, a satisfação em poder dar a volta por cima, uma análise que remete à teoria de percepção humana de Pierre Weil e Roland Tompakow (2015). O sorriso de Vivian é fruto da mistura da felicidade e da raiva (vingança), sentimentos contraditórios. O seu discurso no sorriso reflete a sua aversão ao preconceito e retrata também a busca pelo senso de justiça, ideologias que carrega consigo.

¹⁶ Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/play/d4cddf96-fc7c-4a1a-ab19-f70f51e66252>. Acesso em: 26 jul 2024.

Figura 13: Recorte de cena do filme- Uma linda mulher



Fonte: Disney Plus¹⁷. Tempo de recorte: min. 55:18

Nesta cena Vivian (Julia Roberts) retorna à loja a fim de se vingar da humilhação sofrida anteriormente, para tanto, veste uma roupa fina e nas mãos traz sacolas cheias de compras. Vivian olha a vendedora por cima, mantém um contato visual para não perder nenhum movimento indicioso de sentimento de decepção e de inferioridade dela. Seus lábios inclinados para cima denotam felicidade; seu queixo e nariz elevados, superioridade; as sobrancelhas também elevadas, satisfação; o tórax à frente, autoconfiança, projeção do seu eu, imposição. Enquanto isso, a vendedora da loja fica cabisbaixa, seu olhar mira para baixo e a cabeça acompanha, revelando estar afetada pelos estímulos externos (esta análise faz menção à teoria de percepção humana de Pierre Weil e Roland Tompakow (2015)).

Diante das circunstâncias, podemos dizer que o sorriso de Vivian foi a manifestação da alegria e também da maldade, da alegria por estar elevando o seu ego e da maldade por seu intuito de humilhar. Na hipótese do riso servir para consertar comportamentos incabíveis condenados pela “sociedade”, julgamento pela aparência, o riso corretor também humilha, por isso seu caráter cômico equivocado (Bergson, 1983).

4.1.5 Filme A Lagoa Azul

O filme, de 1980, foca em dois jovens, Richard, interpretado por Christopher Atkins, e Emmeline, interpretada por Brooke Shields. Os dois, que foram vítimas de um naufrágio durante a infância, encontram-se isolados em uma ilha paradisíaca. Os

¹⁷ Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/play/d4cddf96-fc7c-4a1a-ab19-f70f51e66252>. Acesso em: 26 jul 2024.

cenários naturais exuberantes dão maior autenticidade e magia à obra. Urge mencionar ainda a utilização de câmeras de filmagem e equipamentos de iluminação em sua produção, recursos disponíveis para época. Trata-se de uma aventura romântica afinada com o crescimento da indústria cinematográfica ocorrido durante os anos 1970 e início dos anos 1980 e direcionada aos jovens e adolescentes ávidos pela abordagem de questões relacionadas à descoberta sexual, um assunto pouco discutido.

O filme retrata a feminilidade, a sensibilidade, a ingenuidade, a dependência e subordinação feminina e a crença num ser superior. Reforça o papel do homem como provedor da casa e protetor da mulher, salientando a sua virilidade. Mostra a formação tradicional da família, unida nos cuidados com a prole. Retrata a descoberta do amor, do próprio corpo e do corpo do outro.

A análise de discurso de Pêcheux (2014; 2015) e Orlandi (2001; 2009) nos permite compreender como a linguagem é utilizada no filme para reproduzir ideologias, reforçar estereótipos de gênero e manter estruturas de poder. À luz da teoria em pauta, o filme expõe como o afastamento das influências sociais e ideológicas resulta numa nova forma de construção de sentidos, subjetividades e relações discursivas e como esses novos discursos refletem, em última instância, uma nova relação com o mundo.

Figuras 14 e 15: Recorte de cenas do filme A lagoa azul



Fonte: Netflix¹⁸. Tempo de recorte: min. 1:06:01 e 1:06:06

¹⁸ Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/318448?trackId=14277281&tctx=-97%2C-97%2C%2C%2C%2C%2C%2C%2C318448%2CVideo%3A318448%2C>. Acesso 10 set 2024.

Richard, interpretado por Christopher Atkins apresenta um sorriso largo que faz levantar as bochechas e franzir as laterais dos olhos, formando os pés de galinha, tão enfatizados por Duchenne (Darwin, 2009), ao se referir ao sorriso verdadeiro, genuíno, espontâneo, transparente, simétrico, digno de credibilidade. Sua feição está cheia de expectativa pela descoberta do amor, uma novidade que faz rir, uma das condições para a ação. É nítido o envolvimento entre o casal, não dá para identificar quem contagiou e quem foi contagiado. O fato é que sorrir junto é melhor (Barros, 2022). Dá para imaginar a intensidade e o ritmo dos seus batimentos cardíacos, proporcionais à felicidade sentida. Os sorrisos compartilhados por ambos são indícios de reciprocidade.

É notória a harmonia entre os gestos e os seus sentidos, o que corrobora para uma interpretação positiva do riso sob a ótica da teoria de percepção humana de Pierre Weil e Roland Tompakow (2015). O casal está exteriorizando o que de fato está sentindo e o faz através da feição, mais especificamente do sorriso e de outros movimentos corporais tanto internos como externos e que participam da mecânica do riso, como especificado por Joubert (1973 *apud* Alberti, 1999), por exemplo.

Dentro da concepção de Lambert (2014), podemos definir os sorrisos de Richard e de sua parceira Emmeline, interpretada por Brooke Shields, como sorrisos alegres e verdadeiros, reflexo fiel das condições de produção sob as quais foram submetidos.

CONCLUSÃO

O riso é comum em todos nós, é um ato de comunicar que exprime emoções e sentimentos diversos refletidos em configurações faciais compatíveis com as suas “condições de produção” (Pêcheux, 2014). Ele é tão presente em nossas vidas, que muitas vezes passa despercebido, mas está em nós, nos outros, nas propagandas, novelas, fotos, outdoors, filmes, pinturas, esculturas, hospitais etc.

Com a introdução da era digital, o riso fora incorporado aos bate-papos virtuais, fazendo-se representar por *emojis* ou por expressões que remetem ao riso. A popularidade do *emoji* chorando de rir é tão grande que é destaque em utilização no mundo. As expressões que antes eram pesquisadas de forma “rudimentar”, hoje contam com fórmulas, que se combinam ou isolam determinados músculos, revelam uma dada emoção, sem falar dos softwares que simulam as várias facetas do riso, assim, o tempo trouxe maior precisão às análises dos sorrisos.

O ato está sujeito a regras que variam no tempo e no espaço e que limitam a sua manifestação. Seu estudo é coisa séria, desde a antiguidade há quem se ocupe dele para desvendar as suas origens e independe da localidade, do isolamento ou não de um dado grupo, do contato com culturas outras, acesso à televisão, dentre outros, o riso se mostra “universal e inato” (Darwin, 2009), mas mesmo biologicamente determinado, ele adquire significados construídos e moldados pelas condições de produção discursiva e está inscrito em formações discursivas variadas

Suas definições são inúmeras, umas se completam, outras se invalidam, isso a depender do estudioso, de suas perspectivas, de suas experiências, de suas afinidades, das técnicas de análise empregadas, do rol de suas leituras. O fato é que todos se valem do que já fora dito sobre, para formular as suas ideias e imprimem nelas um tom de autenticidade, ilusão necessária na produção do discurso pelo falante (Pêcheux s.d. *apud* Orlandi, 2001, p. 81).

Sua emissão conta com todo um trajeto corporal e sua estrutura básica o torna inconfundível, embora a sua configuração padrão quando destoante, seja na duração, no intervalo ou no som, confira a ele um tom artificial. Sua exposição é mais frequente nos finais de frases, como que para pontuar, do que propriamente após algo engraçado.

O riso em sua versão original (positiva) traz inúmeros benefícios sociais, físicos e cognitivos, auxiliando na manutenção da saúde física, mental e espiritual, sendo comprovadamente um instrumento para a cura de enfermidades e suas vantagens não são exclusivas daquele que o produz, mas estendem-se àqueles que o recebem. Ainda que originalmente o riso seja positivo, ele pode denotar o negativo, por isso da importância de tentar traduzi-lo da maneira mais fiel possível, e por conseguinte, fazê-lo de aliado em suas leituras e também em suas exposições.

No decorrer da vida sua intensidade e frequência vão mudando, os motivos que fazem rir também têm alteração, ficando mais associados aos anseios do momento vivido e tendendo para o conservadorismo. Conforme a idade avança, o entendimento sobre o engraçado vai se tornando mais lento. Na fase adulta há mais temáticas que fazem rir, visto a gama de problemas enfrentados. As diferenças no sorrir também atingem o sexo, a mulher ri mais do que o homem; a faixa etária, os jovens riem mais do que os idosos; o temperamento, os sanguíneos riem mais do que os melancólicos; sem falar que indivíduos com uma estrutura física avantajada (gordos) também riem com maior frequência. Na trajetória da vida perdemos risadas, devido às amarras que nos vão sendo impostas. A intensidade do riso e sua frequência estão diretamente ligados ao seu compartilhamento. O riso é mais intenso e frequente quando compartilhado, rir junto faz toda a diferença.

Rimos porque vaidosos e “superiores”; rimos dos paradoxos, das conexões inesperadas; rimos para extravasar e nos libertar; rimos para suportar e sobreviver; rimos do inesperado e do impróprio; rimos do defeituoso; rimos para corrigir e moldar; rimos do cômico equivocados, quando fruto de humilhação e intimidação, cômico este, avesso ao sentido original/positivo e saudável do riso, enfim, rimos.

Nos discursos, em especial, no riso, há muito do não dito que significa. O sorriso fala no silêncio, aliás, ele é capaz de dizer tudo no silêncio. Analisar os sorrisos foi um exercício de interpretação individual e construção de um discurso subsidiado pelas leituras realizadas, ou seja, por dizeres de outrem, por interdiscursos, pelo já dito, pela memória; o que possibilitou o novo acoplado ao velho, que também faz significar as palavras. Dessa forma, as análises foram atravessadas por outros discursos sobre o assunto, discursos selecionados com base em afinidades, onde muito do que havia

permaneceu (paráfrase), mas também houve a introdução do novo através do deslocamento, do significar diferente (polissemia), afinal, um discurso aponta para outros que são sua base e para futuros dizeres. Neste trabalho não houve em momento algum a pretensão em atingir a verdade absoluta, visto a incompletude ser a condição da linguagem (Orlandi, 2009, p. 37).

Todos os discursos apresentados aqui não são exclusividade, visto contar com vários outros dizeres de épocas e estudiosos diversos; também não são únicos, pois qualquer outro poderia fazê-lo diferente, afinal, “ler é saber que o sentido pode ser outro” (Orlandi, 2001, p. 12).

REFERÊNCIAS

A LAGOA Azul. *First Assistant Director*: Peter Bogart. *Production Supervisor*: Barbi Taylor. Columbia Pictures Industries, 1980. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/318448?trackId=14277281&tctx=-97%2C-97%2C%2C%2C%2C%2C%2C318448%2CVideo%3A318448%2C>. Acesso em: 10 set. 2024.

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar Ed.: FGV, 1999.

A VIDA é bela. Direção de Roberto Benigni. Itália: Cecchi Gori Group, 1997. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghxQNCOMNsw&list=PLubvCFuYk3xKGoisJWYBor8_0SP1AhNo&index=18. Acesso em: 21 jun. 2024.

BERGSON, Henri. **O riso ensaio sobre a significação do cômico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BALDISSERA, Olívia. **Patch Adams além do cinema**: como o médico revolucionou os hospitais. 8 de mar. 2021. Disponível em: <https://posdigital.pucpr.br/blog/patch-adams>. Acesso em: 04 mar. 2024.

BARRETO, Raquel Goulart. **Análise de discurso**: conversa com Eni Orlandi. Teias, Rio de Janeiro, n. 13-14, p. 1-7, jan/dez 2006. Disponível em <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24623/17602>. Acesso em: 21 jul. 2022.

BARROS, Daniel Martins de. **Rir é preciso**. 1 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

BRAGA, Dafne. **O que são os emojis, de onde vieram e como fazer marketing com eles**. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/emoji/>. Acesso em: 21 fev. 2025.

BRAZIL ARTES, Equipe. **Mona Lisa de Leonardo da Vinci**: Significados e Análise da Obra. Brazil Artes, Galeria Online. 27 maio 2024. Disponível em: <https://brazilartes.com/mona-lisa-de-leonardo-da-vinci-significados-e-analise-da-obra/>. Acesso em: 03 out. 2024.

CAMACHO, Karla. **Análise/A Vida é Bela** um filme atemporal sobre esperança em meio ao desespero. Proddigital Pop 18 fev. 2021. Disponível em: <https://pop.proddigital.com.br/analises/analises-de-filmes/a-vida-e-bela-um-filme-atemporal-sobre-esperanca-em-meio-ao-desespero>. Acesso em: 10 set. 2024.

CICEM - Centro de Investigação do Comportamento das Emoções. Sorriso Falso e Sorriso Verdadeiro (Duchenne *Smile*). 12 jan. 2018. Disponível em: <http://cicem.com.br/sorriso-falso-e-sorriso-verdadeiro-duchenne-smile/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

COLIN, Jones. **O que representa o sorriso em diferentes culturas**. 23 set. 2018. Disponível em: <https://sorria.dentalprev.com.br/o-que-representa-o-sorriso-em-diferentes-culturas/>. Acesso em: 18 set. 2022.

DARWIN, C. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. Tradução: Leon De Souza Lobo Garcia. São Paulo - SP: Companhia de Bolso, 2009.

EKMAN, P. **A Linguagem das Emoções**. São Paulo - SP: Lua de Papel, 2011.

EXTRAORDINÁRIO. Direção de Stephen Chbosky. EUA: Paris Filmes, 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/80147986?trackId=256829969&tctx=0%2C0%2C5a6e0349-aaec-4f6a-9491-0919fcbd8b7f-273397419%2C5a6e0349-aaec-4f6a-94910919fcbd8b7f273397419%7C2%2Cunknown%2C%2C%2CtitlesResults%2C%2CVideo%3A80147986%2CminiDpPlayButton>. Acesso em: 23 jun. 2024.

FUNES, Mariana. **O poder do riso**. Tradução: Inês A. Lohbauer. São Paulo – SP: Ground, 2001.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

KUBA, Krys. **O sorriso não é interpretado da mesma maneira em diferentes culturas**. 10 ago. 2016. Disponível em: <https://www.jornaldentistry.pt/news/artigos/o-sorriso-nao-e-interpretado-da-mesma-maneira-em-diferentes-culturas>. Acesso em: 18 set. 2022.

LAMBERT, Eduardo. **A terapia do riso: a cura pela alegria**. 8. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix Ltda, 2014.

LEITE, José Corrêa. Leandro Konder. **Teoria e Debate**, ed. 41, 1º maio 1999. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1999/05/01/leandro-konder/>. Acesso em: 26 set. 2024.

MENDES, D. M. L. F.; SEIDL-DE-MOURA, M. L. O sorriso humano: aspectos universais, inatos e os determinantes culturais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, p. 109-120, abr. 2009.

MESQUITA, M. DA S. **O Sorriso Humano**. Dissertação (Mestrado em Anatomia Artística) - Portugal: Universidade de Lisboa, 2011.

MORAES JR, R. **O mistério do sorriso de Mona Lisa**. 1 dez. 2019. Disponível em: <https://eupercebo.unb.br/2019/12/01/o-misterio-do-sorriso-de-mona-lisa/>. Acesso em: 29 maio 2024.

NASCIMENTO, Márcia Dias do. **Linguagem do corpo comunicação além das palavras**. 17 abr. 2019. Disponível em:

<https://administradores.com.br/artigos/linguagem-do-corpo-comunicacao-alem-das-palavras>. Acesso em: 18 set. 2022.

NEVES, Luiz Fernando Baêta. A ideologia da seriedade e o paradoxo do coringa. *In: O paradoxo do coringa e o jogo do poder e saber*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

NINGUÉM segura este bebê. Direção de Patrick Read Johnson. USA: Fox Film, 1994. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/play/6e7b9b3b-51cc-40c8-bdd8-32abe957a33d>. Acesso em: 25 jun. 2024.

O QUE É FACS? Como analisar emoções com ele? Publicado pelo canal Carol Portilho. YouTube, 24 fev. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NYmpGq34BWs>. Acesso em: 24 ago. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Leitura**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 7.ed. Campinas: Pontes, 2015.

SPSICO. **O experimento de Duchenne**: um dos primeiros estudos com fotografia em psicologia. 25 out. 2022. Disponível em: <https://spsicologos.com/2022/10/25/o-experimento-de-duchenne-um-dos-primeiros-estudos-com-fotografia-em-psicologia/>. Acesso em: 29 maio 2024.

UMA linda mulher. Direção de Garry Marshall. Touchstone Pictures Production, Silver Screen Partners IV Production, 1990. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/play/d4cddf96-fc7c-4a1a-ab19-f70f51e66252>. Acesso em: 26 jul. 2024.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. 74. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.